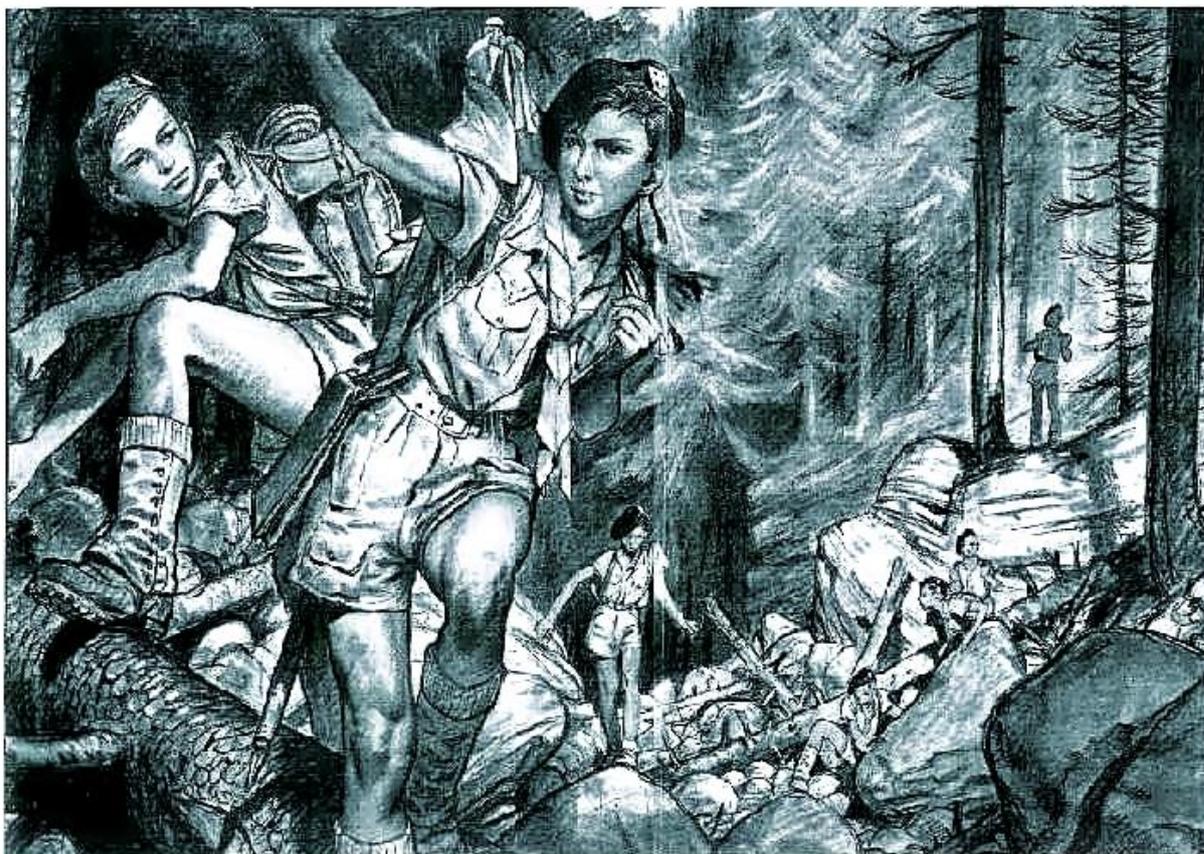


A fantástica saga do Comissário Leocádio.



Chefe Osvaldo Ferraz.

No início deste ano, terminado o meu primeiro livro a “Patrulha da Esperança”, fiquei deveras surpreso pela aceitação e dos comentários favoráveis por parte dos leitores.

Cheguei a enviar mais de quatrocentos e-mails e até hoje ainda recebo pedido de envio do conto que chamo do meu primeiro livro Escoteiro. Claro que se trata de poucas páginas, menos de cinquenta e isso pode não faz dele um livro. O alfarrábio foi chamado por muitos como livro. Muitos me motivaram a fazer um segundo.

Desta vez fui dar uma volta em nosso passado escoteiro, desde os primórdios do escotismo no país até os dias de hoje.

Claro, não é uma busca perfeita da historia Escoteira. Quem sabe uma ficção que pode até ter acontecido o que não tira o mérito da historia.

Existe uma mística nos relatos da vida do Comissário Leocádio. Um homem simples, da roça, caipira, iletrado e alçado a um cargo que na época eram destinados somente à elite Escoteira. Por sinal, até certo tempo os dirigentes do escotismo nos estados eram em sua maioria pessoas bem conhecidas e relacionadas à sociedade local.

Sua vida, seu amor por Rosa sua esposa, seu trabalho na Usina Siderúrgica, sua luta com os grandes políticos do estado, a inveja, e os amigos que conquistou, fazem deste segundo “livro” uma epepeia pelo passado Escoteiro. De 1915 a 1938.

Não sei se vai agradar como o primeiro. Faço votos que sim. E só desejo a vocês uma boa leitura!



(todas as personagens, assim como nomes, locais e narrativas são frutos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.).



**A minha esposa com amor, Célia Maria Ferraz. O nosso
começo.**

Não sei quantas almas tenho. Cada momento eu mudei.
Continuamente me estranho. Nunca me vi nem acabei.

CAPITULO I

Quando contei a amigos estas narrativas, eles riram muito e me disseram – Não é verdade Mario Montes. Você tem uma ótima imaginação, não acreditamos que isso aconteceu. Para dizer a verdade quando ouvi do meu antigo chefe Jovelino, hoje já velhinho, com mais de 80 anos, eu também duvidei. Mas o Chefe Jovelino sempre foi um chefe sério, que eu saiba detestava a mentira e nunca inventou qualquer coisa em toda sua vida.

Eu me lembro de bem dele. Sempre andava mancando. Perguntado respondia. Gosto disso. Dá-me uma sensação que o mundo está tremendo e eu sou um poderoso. E ria. Mais tarde descobrimos que ele tinha uma perna menor que a outra. Era um bom chefe. Atencioso, alegre, e se fossemos andar quilômetros, ele estava ali com a gente. Firme. Sem reclamar. Mancando? Claro e nunca dizia estar cansado.

Foi em uma tarde bolorenta de agosto em um sábado, que ele me chamou a sua casa. Tinha tempo. Porque não? Eu não ia sempre. Para dizer a verdade fazia muitos anos

que o tinha visto pela ultima vez. – Mario Montes, disse, eu estou sabendo que você está escrevendo muitas histórias escoteiras e publicando. Algumas eu gosto outras não. Acho que você apela de vez em quando. Era direto o Chefe Jovelino. Mas eu não poderia partir para o outro mundo sem te contar as peripécias de um Comissário Regional. Situações incríveis o pegaram de calças curtas quando foi convidado para o cargo. Acho que vai dar uma boa historia para você.

Sentei a vontade na poltrona. Eu gostava de ouvir histórias. Escrevia muito. Publicava na internet. Ouvindo, davam-me motivação. Sempre foi assim. Todos os dias eu fazia caminhadas próximo a minha rua. Elas vinham facilmente a minha cabeça. Uma duas e até três de uma vez. Tomando um vinho gelado, deixei que o chefe Jovelino narrasse à sua maneira. Que a história fosse séria, cômica ou romântica não importava. Minha atenção era enorme. Chefe Jovelino iniciou sua narrativa, era mais ou menos três da tarde daquele sábado. Para dizer a verdade eu não sabia e nunca soube que ele fosse um excelente contador de histórias. Prendeu a minha atenção todo o tempo.

- Leocádio a quem eu me refiro como o Comissário Regional, nasceu em uma pequena cidade do interior. – Assim começou o Chefe Jovelino. - Santa Maria do Rio Doce. Por volta de mil novecentos e quinze. Um Grupo Escoteiro humilde existia lá. Ele entrou como lobinho. Adorou. Sua matilha sempre queria imitar as patrulhas escoteiras. O Akelá dizia – Não, isso só quando passarem para a tropa. Era um grupo sem nenhum contato com as direções do escotismo. Achavam que elas nem existiam. Para dizer a verdade, ir à capital do Estado demorava mais de três dias. Baldeação,

viagens intermináveis. Cursos? Nem pensar. Se existiam eles nem sabiam. Nunca fizeram o registro.

Passou para a tropa. O chefe Valerinho quase não aparecia. Não precisava. As patrulhas faziam seu próprio escotismo. Leocádio ali aprendeu tudo de técnica mateira. Era um "expert" em nós, tremendo sinaleiro, ótimo construtor de pioneirias e ele mesmo dizia ao chefe que já podia usar tais e tais distintivos. Claro, era a mãe deles que faziam. Ainda não sabiam onde comprar. Umas fotos e lá estava o distintivo pronto pela Dona Carminha. Faziam acampamentos quase todo fim de semana.

Leocádio sempre foi um bom estudante. Pena que em sua cidade o máximo que conseguiu foi o ginásial. No Colégio Monte Santo dos padres maristas. Seus professores o admiravam por ser um jovem educado e prestativo. Nunca o viram brigar, se desentender com alguém. Até com as moças de sua idade ele era respeitador. Era um colégio exclusivamente masculino.

Não havia seniores. As patrulhas ficavam juntas até a idade de 18 anos. Alguns passavam para a chefia. Outros não. Não gostavam de serem chefes. Ser "Chefe" Escoteiro era muito parado, diziam. Organizaram uma tropa de "Rovers Scout". Nem sabiam o que era isso, mas alguém disse que tinha lido e os maiores de 18 podiam fazer suas patrulhas e acampar. Foi divertido enquanto durou. Mas a vida mansa de Leocádio mudou quando cresceu. Ajudava seu pai na sapataria e mais nada. Namorava uma menina de 15 anos.

Leocádio saia da reunião e ia para a casa dela. Casa? Nem pensar. Ficava passeando na rua e ela na janela. A

mãe uma fera. Um dia tomou coragem. - Dona Lourdes, a senhora me deixa namorar sua filha? – Falou de cabeça baixa. Dona Lourdes o olhou de cima em baixo. Ia dizer uma besteira, mas não sabia por que “cargas d’água” ela mudou de idéia. Até hoje não soube. Disse a ele que podia em sua casa a noite. Ele foi. Rosa Negromonte estava com um vestido verde, até o joelho. Os cabelos penteados para trás, uma pequena Rosa vermelha no cabelo acima da orelha. Estava linda!

Rosa era uma jovem recatada. Pouco saía a não ser para ir ao Colégio Presbiteriano. O único colégio na cidade que era misto. Considerava-se uma boa aluna e cursava a terceira série ginásial. Tinha os mesmos sonhos de jovens de sua idade. Quando menina nunca brincou na rua. Sua mãe não deixava. Brincava sim com sua prima Clotilde e sempre no quintal de sua casa. Lá faziam “cozinhadinhos” montavam pequenas salas para receber as visitas imaginárias. Tinham muitas bonecas de pano que suas mães faziam.

Nunca se interessou por nenhum jovem da sua idade. Isso só veio a acontecer quando conheceu Leocádio. Um desfile de Sete de Setembro. Os pastores e professores queriam alguém para ensinar aos alunos ordem unida. A polícia militar não. Eram poucos policiais e sabiam que eles se recusariam. Então pediram aos escoteiros. Leocádio já era Rovers Scout. Marchava bem é claro. Fazia parte da “banda” do grupo. Dominava com maestria o tambor, o tarol e até o bumbo.

Quando ele foi tomar conta do seu “pelotão” (os alunos eram quase quatrocentos e foram separados em pelotão de cem) e o formou, viu Rosa. Ficou engasgado. Que moça

linda, pensou. Mas ali não dava para Leocádio se declarar. Rosa olhava para Leocádio e piscava o olho. Coitado. Perdeu o rebolado todo. Mesmo assim durante a semana que treinou seu pelotão fazia questão de ensinar olhando para ela.

Rosa ficava a janela de sua casa, olhando a rua. Esburacada. Não tinha pavimentação. Quando chovia era uma lama só. Em frente moravam duas amigas, Mirtes e Soninha. Elas sempre iam juntas com sua mãe a igreja aos domingos. Católica praticante todos os meses fazia sua confissão e no dia seguinte comungava. Tinha vergonha do Padre Fabrício. Ajoelhava e ele perguntava – Menina, quais são seus pecados? Ela contava – Seu padre, hoje eu sonhei com o Chico Alves (grande cantor da época) Padre, eu o abraçava e ele cantava para mim!

- Padre, ontem eu a Mirtes e a Soninha ficamos falando sobre beijos. Mas olhe – Não beijamos ninguém. Foi só falar por falar! E assim seguia a confissão. Era pura nos seus pensamentos nas suas palavras e nas suas ações. No final ele a mandava rezar três aves Marias e cinco Padres Nossos. Rosa tinha um sonho só seu. Ter sua casa, seus filhos um marido para esperar a chegada dele à tarde do trabalho, levar o chinelo, dar um beijo e todos sorrindo se abraçando antes do jantar. Ficava horas assim com o pensamento longe, quem sabe a procura do seu futuro que sabia um dia seria o mais lindo de todos.

Uma tarde ela foi à janela. Esquivou-se. Tentou se esconder. Leocádio estava lá, na janela da casa da Mirtes a olhar para sua janela. Sorriu. Chegava à janela sorrateiramente. Ele do outro lado sorria. Fez um sinal com a mão. Ela também fez. O rosto escondido pelas cortinas. Fora dias e dias de amor

platônico. Mas ela adorava. Todo o dia tomava seu banho, vestia a roupa nova, passava um pouco de pó de arroz na face. Batom nem pensar. Ela ficava horas se olhando no espelho e penteando seu cabelo.

Agora tinha um sonho verdadeiro. Ela estava perdidamente apaixonada por Leocádio. Mas tinha medo da sua mãe. Muito. Se ela desconfiasse poderia proibi-la de ir à janela. Meu Deus! Não deixe que isso aconteça! Meses até que um dia viu Leocádio se dirigir a sua mãe. Agora sim estou perdida, pensou. Sentou na cadeira da sala. Tremia como vara verde. Pensou que tudo iria terminar. Sua mãe entrou. Pediu para ela continuar sentada e disse – filha, eu deixei o jovem namorar você. Mas olhe, só nos dias determinados. Espero que você não traia a minha confiança.

Obrigada meu Deus! Obrigada! Rosa ficou sorrindo o dia inteiro. Esperando quando Leocádio se adentraria em sua casa. Ele foi autorizado a ir lá as terças, quintas e domingos. Esperava que ele não se atrasasse. Pois às nove e meia da noite tinha de ir embora. Infelizmente faltava muito ao namoro. Quando havia reuniões ou acampamento não podia ir. Ainda bem que dona Lourdes compreendeu seu amor ao escotismo. E olhem, ficaram amigos. Uma sogra muito amiga. Mas o namoro não era fácil, ele sentava numa cadeira, na frente dona Lourdes e Rosa ao lado dela. No início ficou sem graça, mas com o tempo ela participava das conversas com alegria.

Foram muitos anos de namoro. Só duas vezes Leocádio pode sair com Rosa sem a presença da sogra. Mês de Maria. Barraquinhas, foguetes, muita gente no pátio da igreja Matriz. Ele pegou na sua mão e sentiu um tremor no

corpo. Sentiu a “quentura” da mão dela. Foi para casa e ficou cheirando sua mão. Cheiro gostoso! Pensou que não iria lavar mais. Não poderia perder aquele perfume. Também foi só. Nem um beijo. Beijar onde? Leocádio amava Rosa com paixão. Quando estava junto dela seu coração sempre disparava. Antigamente sonhava com os acampamentos, as excursões, as grandes atividades aventureiras. Agora não mais. Rosa não saía do seu pensamento.

De tanto ser, só tenho alma. Quem tem alma não tem calma.
Quem vê é só o que vê. Quem sente não é quem é.

CAPITULO II

Quando Leocádio fez 18 anos foi servir o exercito em Santa Lucia. Lá existia uma guarnição. Sorria quando contava o que faziam lá. Disse que acertava uma mosca a 50 metros com um fuzil Mauser alemão, modelo 1908. Foi para ele um divertimento. Afinal ele era um escoteiro, acostumado com as intempéries, barracas, travessias de rios um “mundão” de coisas, que deixou o sargento Antunes e o Capitão Lionel impressionados.

Muitos fatos o divertiram na sua guarnição. Um dia uma patrulha com oito soldados e um cabo foi fazer uma exploração e se perderam. Nem o sargento e o capitão os encontraram. Leocádio pediu para procurar. Em uma hora voltou com eles. Em frangalhos sujos e maltrapilhos. Claro, Leocádio era perito em pistas. – O chefe Jovelino parou de narrar para dar um espirro. O danado gostava de um “rapé” um vício que tentou largar e não conseguiu. Após uns espirros extras, ele voltou à narrativa. Não antes de servir um cafezinho quente que sua irmã trouxe para ambos.

O chefe Jovelino era viúvo. Dona Esmeralda sua esposa morreu nova. Vitima de uma hemorragia interna. O pequeno posto de saúde não tinha nenhuma condição para socorrê-la. Ele sofreu muito, mas com o tempo aceitou. Eu tinha uma admiração pelo chefe Jovelino. Ele nunca falava de si próprio. Nunca se auto-elogiou. Sabia sim elogiar a todo mundo. Não tiveram filhos. Acho que ele sonhava que um dia poderia ter um. Até tentou fazer uma adoção, mas por ser solteiro não o autorizaram. Mesmo morando junto com sua irmã mais nova.

- O chefe Jovelino deu mais alguns espirros (risos) e continuou sua narrativa. – Quando Leocádio voltou tentou arrumar um emprego. Fez um curso de datilografia. Mas a cidade era pequena. Duas farmácias, oito bares, um restaurante, dois barbeiros, quatro armazéns e algumas bodegas aqui e ali. Não tinham indústrias e a última que fizeram lá faliu. Claro que voltou ao grupo, aos Rovers. Mas agora não acampava tanto. Seu namoro com Rosa era sério. Queria ficar noivo, mas como? Viu em um jornal que na capital estavam montando uma grande siderúrgica.

Conseguiu com seu pai uns trocados e partiu para Horizonte Novo. A capital do Estado. Pegou uma carona no caminhão madeireiro até Nova Almeida. Lá pegou o noturno que o levou até Ponte Queimada. De novo outro noturno o deixou na capital. Pegou o bonde até próximo ao canteiro de obras. Ficou na fila o dia inteiro, mas foi admitido. Uma alegria. Arrumou uma pensão barata. Dois meses depois se inscreveu para ser funcionário da Siderúrgica. Antes era de uma empreiteira. A sorte sorria para ele. Conseguiu como ajudante de alto forno.

Agora passado cinco meses, foi promovido a encarregado de alto forno. Um serviço duro. Leocádio enfrentava com galhardia. Não era fácil visitar Rosa. Suas folgas eram de um ou dois dias. Mas correspondiam sem parar. Todo dia uma carta. Pediu a mão dela em casamento e a dona Lourdes mesmo por correspondência aceitou. Uma vez sua sogra e Rosa foram à capital. Hospedaram-se na pensão onde ele ficava. Foram conhecer um bairro que estava se formando próxima a Usina. Ele comprou um lote. Pagou a vista. Durante um ano toda folga ele construía um pouquinho. Seu amigo do peito o Carlinhos o ajudou.

Nunca se esqueceu de Carlinhos. Saíam juntos, trabalhavam juntos na “boca do forno”. Amigos do peito. Ele não era escoteiro. Sabia o que era, mas, não se motivava a entrar. Veio da cidade de Três Poderes, uma das maiores do Estado. Ficava a poucos quilômetros da divisa do Rio de Janeiro a capital federal. Conheceram-se e moravam juntos na mesma pensão. Carlinhos foi um grande amigo para todas as horas. Um dia ele disse que ia embora. Seu pai morrera. Tinha uma “venda” e sua mãe não sabia “tocar”. Foi uma tristeza.

Por uns meses se corresponderam depois, não se falaram mais.

Leocádio não esqueceu o escotismo. Entrou em um grupo próximo a pensão. Pequeno, até meio esquisito, pois quase não faziam atividades fora. Deixaram-no ficar como Baliu. Tudo bem. Não era ativo mesmo. O que gostou mesmo foi um curso básico que fez. Seu chefe lhe deu dois dias. Emendou com sua folga. Mais seis meses fez outro. Esse curso ele também aproveitou umas férias que pediu. Apenas 10 dias. Rosa entendeu. Sabia do seu amor ao escotismo.

Após três anos na usina, Leocádio se casou. Não foi uma festança, nada disso. Dona Lourdes era pobre. Um casamento simples. Para poucas pessoas. Não houve lua de mel. A casa de Leocádio na capital ainda não estava terminada. Rosa morou com ele na pensão por seis meses. Ficou grávida de Waldinho. Seu filho nasceu na casa nova. Um esforço tremendo. Fez tudo com suas próprias mãos. Ainda participava do Grupo Escoteiro. Conhecía pouco ou quase nada da organização escoteira no Estado e no país.

Rosa era uma mulher feliz apesar dos seus dezessete anos. Uma força incrível. Ao lado de Leocádio ela enfrentava a tudo e a todos. Não tinha medo. Leocádio muitas vezes tinha de virar a noite na usina. Ela ficava sozinha com Waldinho. Sua casa não era longe do cemitério do bairro. Da janela dava para ver. Ela nunca teve medo. Quando Leocádio chegava, uma festa. Pegava Waldinho, corria pelo quarteirão, jogava ele para o ar. Um pai feliz. Uma mãe feliz.

Um dia informaram no grupo que o Escoteiro Chefe do Brasil estaria na capital e convidava a todos os chefes

para irem a uma reunião no prédio de sua rede de lojas (era bem conhecido, mas Leocádio nunca ouviu falar dele) ficou impressionado. Será que era tipo Baden Powell? Deveria ser uma figura e tanto, pensava Leocádio. Os outros chefes do grupo nem ligaram. Disseram que seria conversa para “Boi dormir”. Não iriam.

Resolveu ir e foi. Levou seu uniforme para o trabalho. Todos sabiam que ele era escoteiro. Nunca escondeu para ninguém. Contava com orgulho sua vida escoteira. Ouviam e riam nas suas costas. Hipócritas ele pensava. Sabia que faziam assim. Ele não se importava. Nunca brigou com ninguém. Se não gostam de mim eu gosto deles. E ria. Afinal eu gosto do escotismo para esconder?

Saiu do serviço uniformizado. Sempre fora assim. Orgulhava do seu uniforme. Agora iria conhecer um “figurão”. Leocádio riu e pensou: - Não vou perguntar e acredito que ele não sabe fazer muitos nós escoteiros. Será que ele sabe semáforas? Se ele for me testar mostrarei que sou capaz de transmitir 40 letras de semáforas por minuto. E ria. Estava preparado para responder tudo. Afinal sempre fora um grande mateiro. Mas e se me perguntar sobre escotismo sua organização no Brasil e em outros países? Aí estou “ferrado”. Não sei nada. Preciso ler sobre isso. Mas ele sabia que a literatura naquela época praticamente não existia.

Pegou o ônibus para o centro. Chegou faltando uma hora. Sentou na calçada e esperou a hora marcada. Nunca chegou atrasado a nada. Faltando cinco minutos falou com o porteiro que o vendo uniformizado mandou subir ao quarto andar. Foi pela escada. Pulando degraus de dois em dois. Uma grande sala de reunião. Uma mesa enorme. Em volta

mais de 40 poltronas e outras tantas junto à parede. Leocádio chegou no horário. Faltava um minuto quando entrou. Não viu ninguém. Só ele estava ali.

Ficou ali pensando quantos viriam. Pensou que encontraria a sala lotada. Afinal era o maior figurão escoteiro do Brasil. O próprio Escoteiro Chefe. Não seria uma honra para todo mundo? Mas a sala vazia. Uma falta de respeito pensou. Um minuto depois ele chegou. Dr. Mauro Ornelas do Sacramento o Escoteiro Chefe do Brasil. Uma grande figura. Imponente. Enorme, acho que mais de um e oitenta. Bem uniformizado. Muitas medalhas. Chapéu. Aproximou-se de Leocádio e disse – Sempre Alerta chefe! Leocádio tremeu. Com voz tremula disse – Sempre Alerta Grande Chefe. Mauro sorriu. Sempre fora assim.

Mauro fora guindado ao cargo de Escoteiro Chefe por imposição do pessoal do Rotary que na época prestigiava muito o movimento. Eles apesar de amigos se rivalizavam muito com a turma do Lions Club. Ele era presidente de um Grupo Escoteiro, mas era pró-forma. Só aparecia lá umas cinco vezes ao ano. Sua rede de lojas se espalhava por todo o Brasil e seu tempo era escasso. Fizeram de tudo e ele aceitou. Procurou no Rio de Janeiro um chefe que pudesse ser sua segunda pessoa. Iria contratá-lo. A sua Empresa seria a responsável para pagar e registrar.

Encontrou um. Um excelente chefe. Nomeou como adjunto. Desta vez seria remunerado. Ele começou a viajar pelo Brasil. Alguns estados o receberam bem outros não. Mesmo tentando não conseguia reunir ninguém. Mauro não aceitou aquilo. – Afinal, o escotismo não era uma grande fraternidade? Resolveu agir. Corria o ano de 1933. Foi ao

Jamboree em Godolfo na Hungria. Achou estupendo. Para sua surpresa viu Baden Powell. Não era de correr e bajular a ninguém, mas mais de 28.000 participantes o ovacionavam.

Mauro não se fez de rogado. Conseguiu chegar perto dele. Falava a língua inglesa com perfeição. – “Hello Sir. My name is Mauro, I’m from Brazil. On behalf of the Boy Scout from there I give you my Be Prepared!” (Olá Senhor. Meu nome é Mauro. Sou do Brasil. Em nome dos escoteiros de lá eu lhe dou meu Sempre Alerta!) – BP mesmo sendo aclamado pela multidão, ainda escutou suas palavras e disse: – “Chief, says the Boy Scouts of Brazil that I send them my congratulations and my warmest regards” – (chefe, diga aos escoteiros do Brasil que mando a eles minhas congratulações e meu abraço!).

Mauro voltou da Europa, agora mais e mais entusiasmado. Sentia-se um perfeito escoteiro. Disse a si mesmo que iria lutar para unir o escotismo em uma só alma, em um só coração. Agora estava ali naquele estado. Tinha um ano e meio que fizeram uma reunião onde quase todas as federações dos estados se comprometeram a se unir e fundar a União dos Escoteiros do Brasil. Estava difícil. Muito. Alguns estados se mostravam arredios. Mas ele não desistiu. Junto com Rafael Costilho, o seu novo executivo profissional travou uma luta contra o tempo.

Conseguiu através de amigos uma sala sem ônus na Rua do Ouvidor. Outros doaram móveis, máquina de escrever, livros em branco, folhas de papel uma mesa que ele mesmo doou. Ali conseguiu uma pequena ajuda de alguns escoteiros do Rio de Janeiro. Ele sabia que seria uma luta renhinda. Não se intimidou. Agora era ver seus amigos deputados, fazer

algumas leis, angariar fundos para garantir a formação da organização e fincar os pés no chão.

Começou seu périplo por aquele estado. Não que era o mais arredo. Nada disso. Mas ele queria aproveitar para discutir com seus gerentes o aumento de capital nas lojas que tinha e quem sabe ver a possibilidade de abrir novas filiais. Ou seja, “matar dois coelhos com uma só cajadada”. Ele ficou assustado em ver que não havia ninguém à espera dele na reunião. Viu um chefe. Um só. Mais ninguém. Olhou para ele e o achou um “João Ninguém”. Bem uniformizado. Só isso. Só de olhar sabia que era do interior. Tipo aqueles “roceiros” que só sabem dizer “sim senhor” e sorrir feito idiota.

Ele não achou graça de Leocádio. Nem riu. Sério e circunspecto sentou na poltrona ao lado da dele. Esperou cinco minutos. - Será que não vem mais ninguém? – disse. Leocádio estava sem palavras. Balançou a cabeça. Não disse nada. O Escoteiro Chefe esperou mais 30 minutos. Ninguém. Pena. Pensei que poderia ajudar ao movimento nesse Estado. Acho que não sou bem vindo. Leocádio de cabeça baixa disse – Não Grande Chefe. Vai ver que esqueceram.

O Escoteiro Chefe riu das palavras de Leocádio. - Nada disso. Até já esperava. Aconteceu em outros estados. Está faltando uma maior aproximação entre nós. Meu anterior foi muito antipatizado. Não soube ser amigo de todos. E quando souberam que sou um alto membro da minha empresa, para não dizer o dono dela, acharam que também sou do mesmo jeito. Olhe meu amigo, disse se dirigindo a Leocádio, eu detesto isso. Detesto pessoas arrogantes. Conheci Baden Powell, nosso grande chefe, esse sim era o

nosso chefe mundial. Humilde, alegre, jovial mesmo. Quando o vi e disse que era do Brasil me abraçou.

Era simpático o Escoteiro Chefe. Ficou ali durante trinta minutos esperando se chegava mais alguém e contando fatos e “coisas” do escotismo para Leocádio. Gostou dele. Porque os outros não vieram para conhecer? Julgar a pessoa pelo que dizem que são sem saber realmente o que são? Leocádio se sentia em casa. Tão amigo era o Escoteiro Chefe que ele até esqueceu que estava junto ao escoteiro número um do Brasil. Leocádio se lembrou do seu passado. Jeito do interior. Um verdadeiro “matuto” até no seu linguajar. Era uma honra para ele estar ali naquele momento.

O Escoteiro Chefe não esperou mais. Deu os trinta minutos de praxe. Venha ele chamou Leocádio. - Venha, vamos a minha sala. Lá estaremos mais a vontade. Levou Leocádio a sala dele. Enorme. Mandou-o sentar perto de sua mesa de trabalho. Serviu para ele uma bebida. Não sabia o que era. Deus do céu! Como é ruim! (era um bom uisque escocês legítimo) Mas Leocádio não disse nada. Fingiu que bebia. Afinal foi a primeira vez que entrou na sala de um figurão. Melhor ainda, um figurão escoteiro.

O Escoteiro Chefe iniciou uma explicação que Leocádio não sabia. – Como vê o escotismo em seu estado está letárgico. Não são participativos. Isto está acontecendo no país todo. Precisamos mudar isso. Pensei que iria encontrar pelo menos alguns chefes aqui. Quem sabe motivá-los. Até trazer uns novos cursos ao Estado. E também nomear um novo dirigente. Um Comissário Regional. Mas não, ninguém se preocupou. Paciência. Não vou desistir você sabe, se

Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé. Riu de suas próprias palavras. Leocádio também riu.

Olhe, não o conheço. Nunca o vi. Para dizer a verdade estou até estranhando a minha maneira de agir. Não sou assim. Tenho mais de 2.000 funcionários. Conheço as pessoas só de apertar a mão. Acredite, vou confiar a você a maior tarefa da sua vida. Peço pelo amor de Deus que não recuse. Pelo menos dê um tempo para sentir o que sinto hoje, o afastamento de muitos e minha impotência em fazê-los acreditar que nós da direção nacional podemos ajudar. Podemos ser amigos.

O Escoteiro Chefe falava com emoção. Leocádio não sabia onde ele iria chegar. – Continuou – vou nomeá-lo Comissário Regional nesse Estado. Com plenos poderes. Faça o que achar melhor. Tem carta branca. Confio em você. Acho que pode fazer um excelente trabalho! Leocádio quase caiu da cadeira. Nem sabia o que era um Comissário Regional. Devia ser alguém importante. Não entendeu mesmo porque foi escolhido. Pensou que era o único a comparecer. Isso foi isso. Teve medo. Muito. E se for um “fiasco?”.

O Dr. Mauro Ornelas tirou um certificado da pasta, perguntou o nome completo de Leocádio, escreveu e entregou a ele. Tome esse é seu certificado. Fique em pé e repita comigo a Promessa Escoteira. Leocádio assim fez. Leocádio estava perdido. Prometia sem saber o que seria e se iria cumprir. Mas aquele homem confiava nele. Não iria decepcioná-lo nunca. Prometeu a si mesmo que iria aprender. Afinal não era burro, tinha inteligência. Ele sempre foi perito em nós escoteiros, era um sinaleiro de primeira. Riu de si mesmo quando pensou isso. E daí? Vai servir para que?

Recebeu o certificado da mão do Escoteiro Chefe. Ele pomposamente colocou a mão no ombro de Leocádio e disse: - está nomeado. Agora você é autoridade escoteira aqui. Manda em tudo. Faça o que quiser em nome da União dos Escoteiros do Brasil. Já disse, tem carta branca para agir. Pode fazer o que quiser. Exonerar, demitir, fechar grupos. Nunca vou de encontro ao que decidir. Seja bravo e ao mesmo tempo compreensivo. A luta não vai ser fácil. Leocádio estava sem palavras. Boquiaberto! Ele serviu outro uísque a Leocádio. Toque aqui disse – um brinde. Ao seu Estado, que ele seja o primeiro a mostrar que pode crescer e ter uma grande união que agora não existe! Leocádio bebeu de uma golada só. Engasgou. Quase caiu ao chão.

Leocádio foi para casa. Contou para Rosa sua esposa. Ela ficou espantada. Não estava entendendo nada. Vai ganhar mais? Perguntou. Não. Não tem salário. E olhe nem sei o que vou fazer. Estou mais perdido que cego em tiroteio. Mas você me conhece. Não fujo da “raia” nunca fugi. Rosa o abraçou. Grande mulher! Sempre apoiou Leocádio em todas as ocasiões. Nas dificuldades era ela quem o motivava. Ele sabia que tinha feito uma grande escolha. Quando jurou fidelidade na igreja falava a verdade. Nunca iria trair sua confiança. Amava mais do que nunca a sua linda Rosa.

Mario Montes olhou para o relógio. Quase uma da manhã. A história o hipnotizava. Mas não podia continuar. – Chefe Jovelino, se não for incomodo podemos continuar amanhã? Gostaria de conhecer toda essa historia. Emociona-me e não posso dizer que conheço o final e quero conhecer. – Olhe meu rapaz ele disse – Para mim é um prazer. Venha almoçar comigo. Venha cedo. Vou prevenir a Jaildes minha

irmã que você vem para almoçar. Vindo cedo podemos continuar está bem para você?

A rua estava deserta. Meu pensamento a mil. A história do Leocádio parecia ser fenomenal. Nunca tinha ouvido falar no Comissário Leocádio. Para mim era uma surpresa. Mas o chefe Jovelino deve saber o que diz. Não iria me contar uma mentira. Ainda bem que ainda não tinha casado. Ainda morava com minha mãe. Meu pai já era falecido. Estava já com 26 anos. Podia chegar a hora que quisesse. Sabia que mamãe não iria ficar preocupada. Tinha uma namorada, mas não sei. Acho que não tínhamos aqueles arroubos de grandes amantes. Ao chegar a casa liguei para ela, mas ninguém atendeu. Tudo bem. Amanhã ou hoje ligo de novo.

Atento ao que sou e vejo. Torno-me eles e não eu.
Cada meu sonho ou desejo. É do que nasce e não meu.

CAPÍTULO III

Levantei cedo. Um banho um café, um beijo na sua mãe e lá fui para a casa do chefe Jovelino. Fui a pé mesmo. Era perto. Uns cinco quarteirões. Meditava sobre o Comissário Leocádio. Pelo que estava sentindo ele não era preparado para assumir tamanha responsabilidade. Não por ser do interior.

No entanto sua instrução era mínima. Não conhecia nada. Como dizia os velhos DCIMs, um cordeiro em pele de lobo. Claro, tinha um grande conhecimento técnico e mateiro, mas, além disso, nada entendia sobre uma organização, pois era um reles trabalhador em uma usina siderúrgica.

Desta vez levei meu pequeno gravador portátil. Em casa tinha salpicou o que tinha ouvido para não se perder nada. Agora iria gravar tudo sem uma vírgula sequer. Que ano deveria ter sido? 1920? 1930? 1940? Iria perguntar ao chefe Jovelino. Que época boa deveria ter sido. Um escotismo gostoso, mesmo com alguns arrogantes, mas com plena liberdade de se fazer um autêntico sistema de patrulhas. Vontade de voltar no tempo, até quem sabe ir à sede regional e conhecer o chefe Leocádio. Ou melhor, o Comissário Regional, o chefe Leocádio.

Chefe Jovelino já me esperava. “Um belo de um suco de uva, fruta que ele cultivava em seu quintal, duas cheiradas de ‘rapé”, um belo de um espirro e logo após um sorriso. Olhou-me, se ajeitou na poltrona e voltou a sua narrativa fantástica. Enquanto ele narrava eu pensei como ele lembrava assim de tudo. Claro tinha mais de 80 anos, mas devia ter sido um lobinho na época. Quem sabe contaram para ele?

Olhe Leocádio não dormiu bem aquela noite. Como alguém como ele poderia dirigir um Estado Escoteiro? Não era letrado. Mal um ginásio, um trabalhador de “boca de forno”. Claro estava esperando uma promoção para Chefe de Equipe. Seu chefe disse que ele seria o escolhido, mas já tinha passado um mês e nada. Rosa ao seu lado fingia que dormia. Mas sabia das angustias de seu marido. O abraçou com

carinho e disse – Durma meu amor. O sono vai ajudar você. Vai lhe dar idéias para achar seu caminho.

No dia seguinte, sábado Leocádio estava de folga. Combinou com Rosa que iria voltar tarde. Pegou o ônibus e foi para o centro. Informaram a ele que a sede regional ficava em um prédio na Rua Dos Tavares. Perguntou ao vigia. Ele disse que sim. Mostrou sua nomeação. O vigia mandou entrar. Entregou a ele uma chave. Terceiro andar no corredor à direita. Sala 12. Não foi pelo elevador. Subiu as escadas devagar. Era a primeira vez. Não precisava correr. Tinha tempo. Muito tempo. Sabia que todo começo é difícil. Lembrava-se da chegada ao campo para os acampamentos. Até a montagem, ter todo seu campo de patrulha pronto demorava e muito.

Leocádio abriu a porta. Uma sala até razoável. Uns 80 metros quadrados. Uma poltrona rosa para três pessoas (péssimo gosto) desbotadas, um armário de aço, duas prateleiras cheias de pastas e uma mesa. Que mesa! Enorme. De vidro! E a poltrona? Enorme, de rodinhas. Leocádio ficou olhando. Não sabia se podia sentar. Ora bolas, afinal eu não sou o tal Comissário Regional? Sentou. Na beirada. Bem na pontinha. Estava com vergonha. Riu de si mesmo. Se ele agora era a autoridade a cadeira era sua, insistiu. Risos. Riu de si mesmo. Nunca deixaria que o poder assumisse sua mente. Sentou como um rei. Esbaldou-se. Deixou que as rodinhas se movimentassem. Era gostoso pensava.

Olhou para o teto. Duas lâmpadas fluorescentes. Uma queimada. Levantou abriu a janela. Uma vista normal para a parede de outro edifício. Voltou à poltrona. Brincou com ela para lá e para cá. Tinha visto seu gerente fazer isso em

sua sala. Um dia pensou em fazer o mesmo. Agora podia. Leocádio estava feliz, mas com medo. Medo do futuro. Sabia que era um forte, nunca desistia, mas a “empreitada” seria pesada. Muito pesada. Quais os passos que deveria dar? Não tinha noção de nada. Se fosse para montar um acampamento tudo bem. Sabia de tudo. Adorava amarras e costuras de arremate.

Pôs as mãos na mesa. Três gavetas de um lado quatro de outro. Não abriu. Será que podia? Claro que sim. Agora eram suas. Abriu à primeira. Muitos papéis. Uma foto de um homem. Quem seria? Estava de uniforme. Iria descobrir mais tarde. Deixou os papeis para ler depois. Tinha tempo. Precisava familiarizar-se com tudo. Sabia que não ia ser fácil, mas ele o conhecia bem. Uma vez na jogada, ninguém o tiraria do jogo.

Fechou os olhos. O que vou fazer? Como fazer para cumprir as ordens do grande Doutor Escoteiro Chefe e chamar a todos para um trabalho em conjunto? Iria pensar com calma. Teria que conseguir ajuda. Sozinho não ia dar. Dos chefes do seu grupo sabia que não iria contar com ninguém. Quando fosse comentar com eles que fora nomeado Comissário Regional iriam rir a valer. Você? Um matuto do interior? Não iria servir de palhaço para ninguém. Mas a quem recorrer? Dos outros grupos não conhecia ninguém. Eram uns desconhecidos.

Leocádio pensava que o escotismo era uma fraternidade. Eram assim em sua cidade. Quantas vezes eles foram enganados. Forasteiros com o cinto eram tratados como escoteiros. Se tivessem uma camisa cáqui quase carregados. Ele mesmo hospedou tantos em sua casa. Mas esses eram

escoteiros de fato. Mas nunca pensou que havia tanta divergência. Claro sentiu isso quando chegou à capital. Não houve aquela recepção. Leocádio não entendia. Nos cursos que fez no início todos ficaram arredios. Mas depois uma grande fraternidade. Na despedida lágrimas foram derramadas.

Leocádio estava perdido em seus pensamentos. Ainda não tinha sentido a grande responsabilidade que viria com o cargo de Comissário Regional. O futuro para ele ainda estava muito distante. Onde arrumar pessoas para ajudar? Ele sozinho? Sabia que não iria conseguir. Lembrava-se de sua patrulha. O trabalho em equipe. Cada um sabia o que tinha de fazer. Todos juntos trabalhavam para que a aventura fosse um sucesso. Com os olhos fechados Leocádio se deu a liberdade de por os pés na mesa. Pôs com carinho. Tirou os sapatos. Era gostoso ficar ali. De olhos fechados sonhando!

Ouviu uma voz. Alguém chegava. Não esperava ninguém. O vigia tinha dito que a mais de seis meses a sala estava fechada. Abriu os olhos assustados. Uma mocinha magrinha entrou na sala. Cabelos curtos, negros. Sem uniforme. Olhou Leocádio de soslaio. Pensou consigo quem seria aquele. Que audácia! Por os pés na mesa do Comissário Regional, pode? Não ia deixar de barato. Ele ia saber onde estava sentado.

Bom dia. Onde posso falar com o Comissário Regional? E quem autorizou você a sentar nessa cadeira? – Leocádio sem jeito respondeu que era ele. Ela riu. Você? Mas de onde surgiu tamanha figura? Acho você engraçado sabia? Leocádio riu. Sabia que não era bonito. Mas feio não era. Claro um “jeitão” de roceiro, cara de menino, mas sabia que

era muito responsável. Mostrou a ela sua nomeação pelo Doutor Escoteiro Chefe. Maria Angélica pediu desculpas, ficou séria. Perdão chefe. Perdão. Não sabia. Disseram-me que ainda não tinha ninguém. Trabalhei aqui no passado, sou professora. Colocaram-me a disposição do escotismo. Venho aqui sempre para ver se tem alguém.

Maria Angélica caiu do céu. Leocádio nunca pensou que teria alguém para lhe ajudar no espinhoso caminho para o sucesso tão rápido assim. Leocádio riu. Seja bem vinda amiga. E olhe, mais que bem vinda. Muito bem vinda! Levantou e a cumprimentou. Abraçaram como irmãos. Leocádio viu que seria uma grande amizade. Maria Angélica gostou de Leocádio. Um homem simples. Não como seu antecessor. Arrogante. Sempre exigindo e não fazia nada. Quase não aparecia na sede Regional.

Maria Angélica participava de um Grupo Escoteiro próximo a sua casa. Grupo Escoteiro Dom Pedro II. Era um bom grupo. Pelo menos ela achava que sim. Poucos chefes. Ela, o Chefe de Grupo e mais dois da tropa escoteira. Havia, no entanto grande amizade entre todos. Tentaram se aproximar de outros grupos na capital, mas era difícil. Cada um se colocava na posição do melhor. Melhor em tudo. Tinha então os ricos. Esses eram piores ainda.

Ela morava com seus pais. Gente humilde. Viviam do trabalho. Seu pai trabalhava como recepcionista em um prédio no centro. Ela era professora. Dava para viver. Até o dia que soube do ofício da Secretaria de Educação que oferecia a interessados, trabalhar 20 horas para os escoteiros regionais. Ela era escoteira, Kaá, porque não? Ela logo viu que seria uma oportunidade para desenvolver melhor o escotismo que

conhecia e participava. Gostava do escotismo. Porque não trabalhar para ele?

Durante dois anos ficou a disposição da sede regional. O Comissário Regional nunca aparecia. Era um aristocrata. Riquíssimo. Da melhor família da capital. Gente que freqüentava a alta roda. Nunca se interessou. Ele só comparecia as solenidades que o Governo do Estado fazia. Sempre com seu belo uniforme, suas medalhas, apertando mãos aqui e ali. Muito conhecido. Todos os respeitavam. Nunca fez uma reunião e mal fazia anualmente um Conselho Regional de uma ou duas horas onde o elegia Comissário e seus amigos diretores.

Leocádio gostou dela de imediato. Maria Angélica teve pena dele. Viu que era um ótimo chefe, mas no meio dos lobos ele era um cordeiro. Sabia que ele iria sofrer muito. O tempo diria se tinha ou não razão. Não tinha grandes esperanças por ele. Seria uma luta inglória. Ele infelizmente seria o derrotado. Mas ele viu no seu olhar o olhar dos fortes. Quem sabe? Pediu a Deus por ele. Dá-lhe forças meu Deus. Faça dele nosso salvador. Para que possamos ter aqui uma fraternidade e uma amizade que todos irão se orgulhar um dia!

A bola estava em campo. Como dizia dona Lourdes á mãe de Rosa, jogo é jogado e lambari é pescado. Risos. Agora era a vez do técnico. Falar o que os jogadores deveriam fazer. Durante um mês Leocádio ao sair do trabalho passava na sede regional. Lá estava Maria Angélica e ficavam horas conversando. Combinou com ela um novo horário. Dois dias na semana de seis da tarde ate dez da noite. Aos sábados de nove as treze. Muitas vezes Rosa também estava lá. Nada a fazer em casa e pegava o ônibus para a sede. Ficavam os

quatro (ela levava seu filhinho de um ano de idade). Rosa se tornou grande amiga de Maria Angélica.

Aos domingos Rosa convidava Maria Angélica para almoçar com eles. Ela aceitava. Ela ficava horas a brincar com Waldinho. Ela adorava o menino. Parecia que Maria Angélica fazia parte da família. Leocádio aproveitava para repassar e aprender o que Maria Angélica sabia. Ele falou muito. Explicou o que era conselho regional, encontros nacionais, assistentes regionais, registros de grupo. Um “monte” de coisas. Leocádio prestava a máxima atenção. As coisas misturavam em sua cabeça, mas aos poucos se encaixavam.

Um mês depois já sabia o que devia fazer. Leu muito. Leu tudo que tinha na sede regional. Ficou conhecendo a história do escotismo no Estado. O Escoteiro Chefe tinha dito, “se a montanha não vai a Maomé, porque Maomé não vai à montanha?” Fez uma lista dos grupos que existiam em seu Estado. Uma lista pequena. Apenas 25 grupos escoteiros. Sabia que tinha muito mais. Iria descobrir. Ah! Que esperassem por ele.

Em um belo sábado estava montando um programa para desenvolver encontros escoteiros na capital e no interior. Acreditava que esse era o melhor caminho. Ele precisava conhecer todos e saber o que pensavam. Sem isso seria uma luta inglória. Na capital não seria difícil. Estavam pertos. Se com um mês não o procuraram que aguardassem. Iam ter uma bela surpresa. Leu que vários chefes há cinco anos foram a uma Indaba na capital federal. Procurou saber o que era Indaba. Gostou da idéia.

Aprendeu o quê significava Indaba. Encontro de chefes. Descobriu que o termo era muito conhecido na África do Sul e significava acolhimento ou reunião. BP o usou pela primeira vez. Scout Indaba do mundo é um recolhimento de líderes Scout. O termo vem da língua da tribo Zulu. Era isso. Agora é só preparar. Mas no interior só tinha endereço de dois grupos escoteiros. Sabia que existiam outras cidades onde eles também existiam. Precisava mapear tudo.

Viu alguém adentrar a porta. Um chefe escoteiro. O primeiro no mês. Alegrou-se, levantou e disse Sempre Alerta! O moço não respondeu. Olhou para um lado, para o outro e perguntou a Maria Angélica quem era o novo Regional. Leocádio ficou calado. Ela o indicou. Ele olhou Leocádio e riu. - Porque está rindo meu amigo? Disse Leocádio. Ele respondeu - Você regional? Parece-me uma grande piada. - Leocádio não deixou por menos. - Seu nome é por acaso é Escoteiro idiota? Perguntou Leocádio. O chefe fechou a cara. Respeito é bom e eu gosto. Disse.

A briga estava comprada. Ou Leocádio deixava servir-se de pilheria ou tomava providencia para mostrar quem manda ali. - Nunca foi deselegante com ninguém. Sempre muito amigo. Mas não podia deixar isso continuar. Todos achavam que ele não era nada. Olhavam para ele e davam risadas. Chega, pensou. As coisas iriam mudar. Se precisar ser mal educado, ele seria. Mas depois iria mostrar que era um verdadeiro irmão. Lutar ao lado de todos. Ajudar quem quer que fosse. Não importaria para ele se era um grupo riquíssimo ou pobre.

Senta aí moço. Não sei seu nome, mas o que você fez não é próprio de escoteiros. Principalmente quem já fez

uma promessa e conhece a Lei Escoteira. Eu poderia fazer sua exoneração agora. E você podia apelar até para o “diabo”. Nada e nem ninguém irá desfazer minhas ações. Avise seus amigos. Aquele que tentar me ridicularizar ou desfazer de minha autoridade, eu prometo que será excluído sumariamente do movimento na hora.

Reinaldo Monfaz se assustou. Nunca esperava isso daquele homem. Cara de menino. Tipo “roceiro”. Viu que tinha um sorriso franco. Verdadeiro. Tinha de mudar de opinião apesar de não ter sido essa sua intenção quando foi a sede regional. Todos comentavam que um “idiota” havia assumido. Reinaldo Monfaz era um tipo bonachão. Até que trabalhador, mas de família bem colocada na sociedade local. Tinha mais de oito anos que participava do escotismo. Fora escoteiro e sênior. Agora era chefe da tropa escoteira.

Sempre se reunia com amigos aos sábados à noite para uma noitada ou mesmo uma ida a “casa do vai quem quer”. Era solteiro, achava que podia. Isso fazia parte da juventude naquele tempo. Gostava do escotismo. Sempre gostou. Não trabalhava. Desculpe, ele ficava algumas horas no escritório de advocacia de seu pai. Na primeira oportunidade “caia” fora. Estava no segundo ano de faculdade. Bacharelado em direito. Seu pai assim o exigiu.

Até que não era um mau aluno. Ele não era dos piores na faculdade. Mais três anos e colocaria o anel no dedo. Ficar preso num escritório não o motivava. Mas o que ele gostava mesmo era do escotismo. Amava. Sempre quando podia colocava uma mochila nas costas, chamava os monitores e lá ia ele com a turma para um local distante acampar. Naquela noite ele estava em um pequeno bar com

vários chefes escoteiros de outros grupos. Uma nova safra que estava se unindo. Comentaram do novo Comissário Regional. Risadas homéricas. Um “capiau” na corte! E novas risadas.

Alguém o conheceu? Perguntou. Ninguém. Então porque estão falando assim? Comentários meu amigo. Comentários. A voz do povo é a voz de Deus. E riam a valer. Monfaz olhou todos e disse, eu vou lá. Vou mostrar a esse roceiro com quantos paus se faz uma canoa. Levantou e bateu no peito. Comigo ninguém pode. Vou fazer dele uma formiguinha e pisar em cima até esmagar! Risadas. Mais cerveja. Mais Martine. E cada vez mais bêbados ficaram para “vomitar nas mesas” na calada da noite.

Monfaz se arrependeu do que disse. Não era o que pensava. O novo Regional podia ser até um “capiau”, mas tinha fibra. E muito. Pela primeira vez viu alguém em que podia se orgulhar. Um chefe escoteiro no verdadeiro sentido da palavra. Seus 19 anos reconheciam ali, um verdadeiro líder. Seus amigos estavam redondamente enganados. Eles iriam saber quem era o novo comissário regional. Esperava que não fosse da maneira que ele conheceu. Iria à primeira reunião com eles dizer quem era o “talzinho” como diziam.

Monfaz aprendeu a respeitar Leocádio. Tornou-se depois um grande amigo. Foi até nomeado Assistente Regional Escoteiro. Logo todos os chefes da capital já sabiam quem era ele. Sabiam quase nada disso sim. Uns gatos pingados começaram a aparecer na sede regional para conversar. Trocar idéias. Mas foi Leocádio quem deu o maior susto em todos. Junto com Monfaz que tinha carro, visitou oito dos doze grupos da capital. Um por um. Gastaram um mês na brincadeira. Chegava, abraçava todo mundo. Ria,

contava piadas, participava de jogos nas seções e até de algumas reuniões de pais. Sempre humilde. Nunca arrogante.

Sabia que os dois últimos iam ser uma “pedreira”. Um era do ex-regional. O rico. O manda chuva. O tal. O outro de um “Espanhol” grupo fechado. Só entrava espanhóis ou descendentes. Monfaz aconselhou a não ir. Leocádio riu e deixou os dois por ultimo. Recebeu uma tarde uma caixa contendo duas medalhas e um lenço da insígnia da madeira. O lenço era de um chefe do ex-regional. As medalhas do “espanhol.”.

Bateu lá no primeiro sábado. Entrou na hora que estavam na formatura de bandeira. Foi ao centro deu sempre alerta. O Chefe Dr. Antonio Ricardo estava estupefato. Era o chefe do grupo. O tal ex-comissário. O rico. Amigo dos poderosos. - Que isso perguntou. - Leocádio foi até ele. Sou o novo Comissário Regional. Estou assumindo agora a direção do grupo. Só durante a cerimônia de bandeira. Se você não gosta pode se retirar. Todos calados. Convidou dois lobinhos para hastearem. Encerrado convidou o Dr. Antonio até o centro da ferradura. - Chame o chefe Ailton até aqui.

O Chefe Dr. Antonio não sabia o que fazer. Queria mandar Leocádio sumir. Mas estava na presença de todo o grupo. Chamou o Chefe Ailton. Leocádio deu a ele o lenço da insígnia. Virou para o doutor Antonio e disse. Renove sua promessa e entregue o lenço. Eu entrego o certificado! Foi renovada a promessa. Leocádio entregou o certificado. Um forte aperto de mão. Um grande abraço. Um anrê três vezes. Todos correram para abraçar o chefe Ailton. Uma festa. Isto nunca aconteceu. Só em solenidades especiais. Nunca foi em um Grupo Escoteiro.

Leocádio pediu ao chefe da tropa para fazer um jogo com as patrulhas. Céu de estrelas era o nome do jogo. Ele sabia que todos adoravam o jogo. Um sucesso. Depois foi na Alcatéia, pediu a Akelá. Dançou com eles de forma diferente a dança de Kaá. Eles gritavam de alegria. Despediu de todos. Um por um. Do lobinho, ao escoteiro. Mão na mão. Procurou cada chefe. Um abraço apertado. Olhou para o chefe Antonio. Beijou-o na testa e saiu.

No sábado seguinte fez o mesmo no grupo do Espanhol. O Espanhol tentou argumentar. Seu grupo pertencia ao rei da Espanha. No Brasil ninguém mandava. Leocádio disse – Agora eu que mando. Diga ao rei que tenho o maior respeito por ele, mas aqui no Brasil ele não manda nada. Cerimonial. Entrega das medalhas. Jogo com os escoteiros, com os lobinhos. Aperto de mão, sorrisos. Um abraço apertado. O caminho estava se abrindo. O Espanhol pensando o que iria fazer.

Começou a ficar conhecido. Por poucos é claro. Ainda havia aqueles que não davam nada por ele. Uma noite viu um telegrama e um pacote de cartas em cima da mesa. Maria Angélica disse que era do Escoteiro Chefe. Março ele deveria fazer o Conselho Regional. Eleger nova diretoria. Leocádio riu. Nova? Existia outra? Ele já sabia o que era conselho. Nas demais leu ofícios, cartas, memorandos, todos dos chefes do estado. Reclamavam. Diziam que Leocádio queria a bancarrota do escotismo no estado.

Mas havia outras. Elogios sem fim. E finalmente uma do seu novo amigo Dr. Mauro Ornelas. O Escoteiro Chefe do Brasil. Dizia – Parabéns. Você está indo no caminho

certo. Continue assim. Tenho plena confiança no seu trabalho. Sabe que tem carta branca. Já respondi a alguns insatisfeitos. A porta da rua é a serventia dos que não estão gostando. Leocádio riu. Pensou na cara do “espanhol” e do chefe Dr. Antonio Ricardo. Foi um bom começo. A peça estava em andamento. Não era um teatro, mas ele sabia que o espetáculo não pode parar. Ele não sabia jogar xadrez. Mas o cheque mate estava próximo.

Dona Jaildes, a irmã do chefe Jovelino entrou na sala e educadamente interrompeu. Dizia que o almoço estava na mesa. Um almoço excelente. Há tempos não comia um franguinho a molho pardo. Uma delicia. Uma deliciosa sopa de mandioca abriu nosso apetite. O frango, um angu molinho, um arroz soltinho e lá estava eu, um esfomeado como se estive em pleno acampamento, esperando o cozinheiro que nunca terminava e a fome tanta que nem reparava no arroz queimado, bife tostado enfim, nada comparável ao formidável manjar de dona Jaildes.

Após o almoço, lá veio novamente com duas belas compotas de pêssago e doce de mamão em caldas. Um queijinho mineiro, e pensei – Ainda ouvir histórias? Agüentaria? Fomos para a sala. “Chefe Jovelino me olhou e disse, - Mario Montes, que tal uma ‘siesta’? Meia hora ou uma hora? Uma hora, meu caro chefe Jovelino. Ele colocou um CD de Henry Mancini, e as melodias divinas se espalhavam pelos quatro cantos da sala. Dormi pensando em Leocádio. Chegando ao inferno. O demônio dizendo – Pelo amor de Deus! Pode contar comigo! Vou apagar o fogo. Não me demita!

Sou minha própria paisagem; Assisto à minha passagem,
Diverso, móbil e só, Não sei sentir-me onde estou.

CAPÍTULO IV

Mario Montes acordou com um grande espirro do chefe Jovelino. O CD já havia terminado. Riram. Ele se levantou e foi passar uma água no rosto. Eram mais de quatro da tarde. Caramba! Dormi demais! Voltou à sala e perguntou ao chefe Jovelino. – Meu amigo, você conheceu Leocádio? Jovelino riu. Melhor não dizer para você agora. A história perderia a graça se contasse. Olhe, prometo que no final eu digo, está bem? Mario Montes riu também.

Leocádio naquela terça não iria à sede regional. Prometeu a Rosa que iria chegar cedo. Andava muito cansado e o trabalho no Alto Forno exigia dele muito. No caminhão que o levou até seu bairro ficou pensando no telegrama que tinha recebido naquela semana. – Dizia – Vou chegar às três horas da tarde, na sexta feira, no aeroporto da Tapulha. Pelo voo n. 29 em um Constellation da Panair do Brasil. Gentileza enviar alguém para me buscar. Irei direto para a sede regional onde nos encontraremos. Assinado - Capitão de Mar e Guerra Dr. José de Mascarenhas de Alfanasio.

Leocádio estaria trabalhando nesse horário e também não tinha carro. Monfaz tinha faculdade, Maria Angélica não tinha carro. Mandou um telegrama de volta. - Bem vindo, não teremos ninguém para esperá-lo, mas nosso endereço é Rua dos Tavares 415. Edifício Mancoso, terceiro andar, sala 22. Dizia ainda que até às sete da noite iria chegar à sede regional. Que ele me esperasse pensou Leocádio. Afinal era pobre e não podia dar-se ao luxo de faltar uma tarde, pagar um taxi para alguém que se apresentava como ele e principalmente viajando em avião! Leocádio riu. Quando eu irei entrar em um? Acho que nunca. Mais risos.

Na sexta feira Leocádio vestiu seu uniforme no serviço. Era assim. Toda vez que se apresentava como tal ia de uniforme. Agora todos já sabiam como ela era e do que gostava. Também tinha adquirido uma fama de amigo, aconselhador, e era bem considerado por toda sua chefia. Não foi de elevador. Subiu as escadas devagar. Não queria dar sinal de que estava chegando. Na porta viu a figura imponente do tal Capitão de Mar e Guerra. O cara era mesmo um marinheiro. Vestido no seu uniforme do mar todo branco, cheio de medalhas, nem olhou Leocádio direito.

Estava sentado em sua poltrona e na sua mesa. Os pés em cima da mesa. Conversava animadamente com Maria Angélica. Ela calada, ria de vez em quando para não ser desagradável. Olhou Leocádio de soslaio. Nem levantou nem tirou os pés da mesa. - Não vá me dizer que você é o Leocádio, Comissário Regional, disse. - Prazer senhor Jose de Mascarenhas. - José de Mascarenhas não, Capitão de Mar e Guerra Dr. José de Mascarenhas, repetiu. - Leocádio pensou - Mais um meu Deus! Esse mundo está cheio deles.

Mascarenhas deu uma enorme gargalhada. Levantou e abraçou Leocádio com vontade. Meu amigo, não sabe a honra que tenho em conhecê-lo. Olhe já está ficando famoso. No nordeste todos já ouviram falar no grande Leocádio. E deu belas risadas. O sujeito gostava de rir. Parou de abraçar Leocádio e disse. Vamos jantar. Estou com fome. Leocádio não queria ir. Primeiro não podia gastar em restaurantes. A região possuía uns minguados tostões para correio e algum gasto extra. Mais nada. Segundo porque não estava com fome e sabia que Rosa tinha guardado sua “marmita” no forno do fogão a lenha.

Mas ele insistiu. Foram ao restaurante do Toninho na esquina. – Mas que espelunca é essa? Vamos a um melhor. Leocádio disse que era a melhor comida da capital e era mesmo. Foram para uma mesa no canto do restaurante. Estava vazio. Pouca gente jantando àquela hora. Toninho já conhecia Leocádio. Ele mesmo veio cumprimentar a ambos. Mascarenhas pediu um uísque com gelo. O danado gostava de gastar. Leocádio uma “grapette”.

Mascarenhas falava e falava. Uma “maritaca”. Tinha assunto para tudo. Contava sobre o Grupo Escoteiro do Mar que era o “dono”. Contava maravilhas. Falou de sua nomeação para presidente da Federação escoteira daquele estado. Suas conquistas dos grupos arredios (Leocádio soube depois que o estado dele só tinha seis grupos escoteiros na época). Disse que conseguiu colocar na sede da marinha mais de 40 escotistas para fazer o curso de Arrais e Mestre. Pretendia criar centenas de grupos escoteiros do mar não só em seu estado, mas no Brasil. Contava com ele.

Leocádio sabia que esse não era o motivo dele o procurar. Mas deu “trela”. Doutor Capitão Mascarenhas, meu Estado não tem mar, como fazer escotismo do mar? Deixa comigo dizia. Quando estivermos falando a mesma língua vais ver que faço tudo acontecer. Quem sabe trago o mar até aqui? E ria desbragadamente. Leocádio começou a não gostar do sujeito. Já não gostava quando o viu. Agora pior. Uma garganta de ouro ou quem sabe de latão. Cheio de salamaleques. Mascarenhas falou e falou e finalmente chegou onde queria chegar.

Olha meu caro Dr. Comissário Regional Leocádio. – Menos, menos meu amigo. Não sou doutor. Mal e mal um ginásial. - Desculpe disse. Não queria e nem quero ofendê-lo. Bem vou explicar minha vinda aqui. Foi decidida por várias federações escoteiras no Brasil. Nós achamos que devemos ter luz própria. Cada um de nós pode e deve fazer o escotismo sem ter que submeter-se a diretriz de alguém que nem conhecemos. Afinal não fomos nós quem decidiu essa tal de União dos Escoteiros do Brasil.

Para dizer a verdade, dos 21 estados brasileiros, somente dez estão do lado deles. E se você passar para nosso lado, poderemos ser fortes, muito. Quando souberem que o famoso Leocádio está com as federações e nos dando apoio, os demais estados farão o mesmo. – Leocádio olhou para ele, com os olhos zombeteiros e disse – Mas afinal Dr. Capitão Mascarenhas onde me arranja essa fama? Não tem nem seis meses que fui escolhido para ser o Comissário Regional em meu Estado. – Mascarenhas riu. – Deixa disso meu amigo. Você não sabe como é conhecido. E ria desbragadamente.

– Leocádio já sabia de sua fama. O “roceiro”, o “jecatatu” aquele que foi guindado a um cargo e não tem competência para tal. – Tudo bem pensou Leocádio. Deixem que pensem assim. Tinha certeza que o Dr. Antonio Ricardo e o Espanhol espalharam sua fama no Brasil todo. – Ótimo. Não sabem com quem estão mexendo. Bem Dr. Capitão – foi interrompido. Olhe agora somos amigos, me chame de Mascarenhas. Só na presença dos outros eu exijo respeito. Leocádio riu. Respeito. Logo ele.

Bem afinal acho que me entendeu. Disseram-me que você era uma pessoa bem compreensiva. Acredite, se passar para o nosso lado, tenho amigos deputados. Poderão ajudar e muito sua região. Depois quando fizer novas eleições iremos colocar sangue novo aqui e você poderá descansar, sabendo que prestou um belo serviço ao escotismo do seu Estado. – Caramba! O moço era arrogante mesmo. Achava que Leocádio era um idiota. Poderia fazer dele o que quiser. Já estava na hora de colocar esse moço no seu lugar.

Dr. Capitão de Mar e Guerra José de Mascarenhas, melhor fazermos assim. Vamos marcar em minha cidade, um pequeno congresso. Viriam todas as associações e Federações escoteiras no Brasil. Claro, vamos convidar também o Dr. Mauro Ornelas do Sacramento, o Escoteiro Chefe. Tenho certeza que viria. Vamos dar um prazo. Três meses. Está bom para você? Leocádio viu que Mascarenhas ficou lívido. – Continuou Leocádio. Assim jogaremos as claras, não é o que diz a segunda Lei escoteira? O escoteiro é leal? Na reunião iremos discutir ponto por ponto tudo que você me disse.

Mascarenhas ficou em pé. Acho que não entendeu minha posição. Já houve uma reunião igual a essa. Lá

ninguém teve a coragem para dizer o que nós pensamos. – E porque você não disse? Perguntou Leocádio. – Não podia. O Almirante não concordou comigo. Chamou-me e disse que como nas Forças Armadas todos deviam manter-se unidos. Tinha que haver um líder. Mesmo que fossem vários. Uma só alma, um só coração. Um só ideal. Não concordei com o Almirante. Mas ele era meu superior hierárquico. Tinha de obedecer.

Meu caro senhor Mascarenhas, não vou chamar mais você de Doutor e nem de Capitão. Você não é melhor do que eu. Pelo menos sou um cavalheiro, um homem de bem com ideal e ética. Não sei se você sabe o que é isso. Pode até dizer que sim, mas não acredito. Essa proposta é imoral. Não se faz a um homem de honra. Mascarenhas estava branco. Se fosse à sua terra dava um tiro naquele “merda” ali mesmo. Mas não podia fazer isso naquela cidade. Não era a sua cidade. Deu meia volta e sumiu do restaurante.

Leocádio foi embora pensativo. Não sabia se tinha agido certo. O sujeito era arrogante e prepotente. Disso ele não tinha nenhuma dúvida. Preferiu guardar para si aquela página de um livro que não foi escrito. Nem seria lido por ninguém. Que o vento virasse a página. Quem sabe rasgada e levada para o mar. Foi para casa. Claro que para Rosa ele contou tudo. Eles eram um só. Não havia segredos entre um e outro. Quase cinco anos de casados e ainda a mesma paixão o mesmo amor. Dormiu abraçado com ela. Não fizeram amor. Sua mente andava a mil.

Seis meses depois Leocádio foi promovido a Mestre Líder de Alto Forno. Um cargo importante. Todo o alto forno agora estava sob sua responsabilidade. O salário não era tão

bom assim. Uns quinze por cento a mais. Claro que ajudou. Sentiu que sem querer estava gastando um pouco no escotismo. Não queria aquilo. Não podia prejudicar sua família. Soube que um estado o maior do país o escotismo ia bem obrigado. Nadavam em dinheiro. Qual era o segredo?

Leocádio resolveu descobrir. Falou com Maria Angélica. Comentou com Monfaz. Sabia que estava quase na época do Conselho Regional. Mas pretendia ir lá. Sairia na sexta e voltaria no domingo. Um ônibus o levaria em menos de 14 horas até lá. Comprou as passagens para ida e volta. Mandou um telegrama – Gostaria do especial favor se pudessem me receber no sábado a tarde em sua sede regional. Tenho algumas dúvidas e soube que vocês são os melhores do Brasil. Por favor, respondam a este telegrama. Leocádio Ventura - Comissário Regional.

No dia seguinte chegou á resposta. – Seja bem vindo. Estamos prontos a ajudar irmãos escoteiros. Principalmente do seu Estado que consideramos irmãos. Richard Balboa. Executivo Regional. Era a primeira vez que fazia a visita a um estado irmão e que comungavam o mesmo pensamento. O Dr. Mauro Ornelas já tinha comentado sobre isso. Ele sempre dizia que podia contar com uns oito fieis a unificação do escotismo brasileiro.

Era realmente uma bela capital. Enorme. Perguntou a um guarda onde encontraria o endereço. Mostrou a ele. Perto disse. Pode pegar um taxi ou ir a pé. Menos de seis quarteirões. Preferiu ir a pé. Não teria tempo para conhecer tudo. Pelo menos o Teatro Municipal e o Viaduto Santa Marcelina ele queria conhecer. Seu ônibus só sairia após 23 h. Menos de uma hora depois avistou o Edifício Martinhelli.

Enorme. Em sua capital tinha outros grandes. Aquele, entretanto era maior. Décimo segundo andar disse ao ascensorista. Eram três da tarde. Uma viagem e tanto. Muito cansativa.

Richard o recebeu muito bem. Tinha sua própria sala. A sede regional possuía quatro salas. Uma de reunião, uma do escritório regional, uma do Comissário Regional e seus diretores. A última pertencia a ele. Precisavam de mais uma. Pretendiam abrir uma loja escoteira Já confeccionavam muitos distintivos escoteiros. Simpático o Richard. Contou sua vida. Foi executivo em São Jose da Costa Rica. Mais três anos no Mexico. Aprendeu muito. O Dr. Fabiano o Regional lhe ofereceu o emprego de executivo. Queria voltar ao seu estado natal. Aceitou. Sua proposta. Quinze por cento do que conseguisse. Não importava o valor. Aceito começou a trabalhar.

Conseguiu doações de muitas empresas. A capital proliferava em novas empresas e fervia dia a dia no crescimento. Milhares de pessoas chegando todo dia. Todos conseguiam um emprego. Tinham 40 grupos escoteiros. Todos registrados. Claro havia os descontentes. Quando eles souberam que conseguiu de dois deputados uma verba de dois milhões de mil reis, um dinheirão ouve comentários e revoltas. Ele com seus quinze por cento deu uma guinada em sua vida. Rancores, invejosos. Não era uma vida fácil. Escotismo é voluntariado ele sabia, mas não ele. Era um executivo, vivia disso.

Lá pelas sete da noite chegou o Dr. Fabiano. Uma pessoa excelente. Tratou Leocádio como se ele fosse igual. E olhe, era proprietário de duas fabricas de tecido e estava

montando uma grande companhia aérea para concorrer com a Panair do Brasil. Leocádio se sentiu deslocado. Até sentiu-se diminuído por ser um regional de um estado tão importante. Afinal não era um “letrado” não era e nunca seria um doutor. Ali não viu soberba. Todos querendo ajudar Leocádio dando idéias e sugestões. O próprio Richard se ofereceu para ir há capital e ficar 15 dias lá. Claro o estado arcaria com suas despesas.

Agradeceu a gentileza sorrindo. Ele sabia que não tinham condições de arcar com nenhuma despesa. A região estava à míngua. Pensava que depois do Conselho Regional, quando elegessem uma nova diretoria quem sabe poderia conseguir alguma coisa. Foram almoçar em um restaurante chique. O cardápio em Francês. Leocádio ficou embaralhado. Nem sabia pedir. Na mesa três pratos. Um grande em cima um médio e em cima de tudo um menor. Cinco facas de mesa. Quatro copos. Deus do céu! Ele não entendia nada. Nada.

Mas o doutor Fabiano e Richard foram muitos educados. Não olharam para Leocádio nenhuma vez. Claro ele também não era nenhum troglodita. Não comia carne crua com as mãos. Saiu dali direto para a rodoviária. Richard foi levá-lo em seu carro. Um Ford 29 novinho. Quem sabe um dia ele teria um? No ônibus lembrou-se de tudo. Será que iria conseguir um executivo? Alguém honesto e sério? Tinha dúvidas, mas sabia que iria tentar. Se não desse certo, paciência.

Chegou a casa no domingo. Cansadérrimo. Nem deu tempo de brincar com Waldinho e mal deu um beijo em Rosa. Caiu na cama e dormiu até o outro dia. Levantou cedo. De volta ao trabalho. Agora era à volta ao seu ganha pão. O

trabalho em primeiro lugar. O escotismo iria esperar. Leocádio gostava de seu trabalho. Tudo bem um forno claro. Mais de oitenta graus centígrados quando abriam a boca do forno. Mesmo com a proteção de amianto era um calor insuportável. Isso acontecia seis vezes ao dia. Ele era o responsável. Não podia falhar. Qualquer ato errado o alto forno podia explodir.

Infelizmente ele não explodiu. Naquele dia ao abrirem a boca do forno uma fumaça tóxica começou a sair. Correram todos e começaram a gritar chamando Leocádio. Ele estava em uma salinha dos mestres, bem em frente ao forno. Ele viu que a temperatura caía. Correu até onde estavam os controles. Emperrados. Deu o alarme! A sirene tocou desesperadamente. Logo dezenas de chefes, engenheiros, todos dando ordens simultaneamente. Mas Leocádio sabia o que pior já havia acontecido. Ao contrário de uma explosão o ferro gusa estava endurecendo dentro do forno. Um verdadeiro desastre.

Durante dois dias tentaram tudo para aquecer o forno. Nada. Chegaram a dobrar os graus permitidos. Nada. Leocádio procurou o diretor. Disse que tinha uma pessoa que podia resolver. Ele nem deu bola para Leocádio. – Amigo aqui tem os melhores engenheiros do país. E você vem me falar em Zé Venâncio? O Dr. Pierre Contrialto, um diretor que veio direto da França para ver o que acontecia, pois eles eram os maiores acionistas da usina ouviu tudo. Falava português. Mandou chamar Leocádio.

Quem era? Porque ele podia resolver? Leocádio não se fez de rogado. Zé Venâncio doutor foi quem fez esse alto forno. Infelizmente perdeu a mulher e uma filha quando um raio atingiu sua casa. Passou a beber. Só vinha aqui bêbado.

Nunca mais parou. Conhece como ninguém tudo desse forno. Como era muito amigo do Doutor Lionel, aposentaram-no para não mandar embora. Recebe um salário. Não reclama. Não sabe o que é reclamar. Está sempre bêbado.

Você confia nele? Perguntou o Dr. Pierre. Claro. Disse Leocádio. Se me der carta branca trago ele aqui e posso prometer, se ele não derreter este gusa em 48 horas ninguém mais vai conseguir. - Pois a tem, disse. Vou dar as ordens e colocar um jipe a sua disposição com motorista. Faça o que deve fazer. Vou confiar em você. - Em mim não disse Leocádio. Em Zé Venâncio. Promessa é promessa. Leocádio pensou consigo que podia estar entrando em uma fria. Colocou uma esperança que podia dar em nada. Sabia que milhares de dólares seriam gastos para remontar o alto forno. Zé Venâncio seria a alternativa mais barata.

Rodaram muito até a casa dele. Tinha mudado e ele não sabia. Uma senhora vizinha se prontificou a ir junto. A casa ficava bem afastada da cidade. Praticamente um sítio. Zé Venâncio estava caído no terreiro de sua casa. Babando e roncando mais que cachorro zangado. Leocádio com a ajuda do motorista levaram o Zé até o riacho próximo. O jogaram com roupa e tudo na água. O danado gritou, berrou e o tiraram de lá. Disse que ia matar todo mundo. Correu para sua casa a procura do seu colt 45. Leocádio o segurou antes.

Enquanto o motorista fazia um café forte, Leocádio dava uns tabefes no Zé e o trocava de roupa. - Vamos homem. O alto forno endureceu. Precisam de você. Zé ria. Eu? Nunca me procuraram. - Não Zé. Você é quem quis ficar na solidão. Encheram o Zé Venâncio de café amargo. Ele vomitou a metade. Chegaram à usina as sete da noite. Zé Venâncio

chamou oito homens. Antigos funcionários seus. Você também Leocádio. Preciso de você. Pediu para todo mundo sair da área do alto forno. Disse que por volta de meia noite trouxessem leite e lanches. Na época diziam que o leite era bom para o pulmão. Depois se comprovou que não, mas até hoje em usinas onde o calor é excessivo, ainda se toma leite à vontade.

Trabalharam a noite toda. Zé Venâncio colocou uma dinamite no centro do alto forno bem no meio do ferro gusa endurecido. Mais de oito horas para furar bem fundo no ferro gusa endurecido. Ele era perito em explosivo. Antes de ir para a usina, trabalhou em uma pedreira no interior do estado. Marcou o horário da explosão. Exatamente a cinco da manhã. Faltando um minuto chamou Leocádio. Quando eu contar um, dois e três, você liga o alto forno. Certo? Assim foi feito. A explosão foi seca. Leocádio ligou o forno. Dez minutos, vinte, meia hora. Nada. Quarenta minutos e uma fumaça preta começou a sair da chaminé. O forno voltou a funcionar. Urras vivas, gritos, até foguetes apareceram.

Todos foram agraciados com medalhas e relógio de ouro. Zé Venâncio bêbado que nem uma égua estava “esparramado” em uma poltrona querendo dormir. Dr. Pierre mandou que a partir daquela data, uma enfermeira ficaria com ele para sempre até ele morrer, em sua casa cuidado dele. Uma empregada para limpar, lavar e cozinhar. O armazém da usina estaria a sua disposição sem nada cobrar. Leocádio foi promovido. Seu salário dobrou. Agora era chefe de divisão do alto forno. Tinha sala e secretária. Quem diria eim Leocádio?

Concederam a ele e todos os oito homens de ouro umas férias de 15 dias, remuneradas, no balneário de Santa

Inês, no melhor hotel do litoral capixaba. Leocádio, Rosa e Waldinho estavam vivendo uma vida de príncipe. Ele estava precisando disso. Rosa ria. Cantava. Faziam amor duas vezes por dia. Uma “indecência” dizia sorrindo. Quando o Padre Mourel souber disso estou frita! O padre Mourel era o pároco da igreja Santíssima Trindade, próximo a sua casa. Leocádio ia sempre lá com Rosa. Agora um pouco menos. O escotismo começou a tomar conta de sua vida.

Retornou a sua rotina de vida. Usina, região, amigos, escotismo. Nas suas férias planejou muito. Sonhava em ver todos unidos em torno de um só Ideal. Não era Cristo. Não tinha apóstolos. Mas tinha sonhos e sabia que poderia realizá-los com a ajuda de Jesus e Deus nosso Senhor. Mario Montes olhou o relógio. Seis da tarde. Pediu ao chefe Jovelino se podia usar o telefone. Ligou para sua mãe. Disse onde estava e chegaria por volta da meia noite. Como sempre a gentil dona Jaildes os convidou para um lanche. Mario Montes estava com fome.

Durante o tempo que ficaram lanchando Mario Montes fez muitas perguntas ao chefe Jovelino. Ele sorria. Nada dizia. Tudo há seu tempo Mario. Toda história tem começo meio e fim. Não seja apressado. Não está gostando da história? – Claro que sim chefe. Mas estou encucado. Você conhecia mesmo o Leocádio? Chefe Jovelino ria. Se contar perde a graça não acha? Mario Montes desistiu. Não estava cansado. Quase vinte horas de narração. Contando o sábado. Será que terminaria hoje ainda? Mario não sabia. Agora não podia ter pressa, mas amanhã era segunda feira. Dia de trabalho.

Por isso, alheio, vou lendo. Como páginas, meu ser.
O que segue não prevendo,
O que passou a esquecer. Noto à margem do que li.

CAPITULO V

Naquele sábado Leocádio estava com Monfaz e Maria Angélica. Monfaz tinha convidado um seu amigo. Josué Pedreira. Um rapaz novo, dezoito anos. Agora assistente de uma tropa escoteira. Gostou de Leocádio. Esse também gostou de Josué. Já sabia em quem confiar. Agora eram quatro. Nada dos três mosqueteiros. Nunca entendeu bem a historia. Tinha lido há tempos. Diziam serem os três mosqueteiros, mas não eram quatro? Leocádio contou a todos o que pensava para aglutinar todos os grupos do estado. Queria em quatro anos registrar pelo menos 6.000 escoteiros. Neste ano chegaram a 800. Um nada do que o estado podia fazer.

Discutiram por horas sobre a montagem do Conselho Regional. Onde seria como e as responsabilidades. Josué deu a idéia de sua faculdade. Achava que conseguiria um anfiteatro. Também o pátio próximo para jogos. E não era fácil, mas poderia tentar conseguir o restaurante da faculdade

também. Seria grandioso. Leocádio planejou com ele como fariam. Maria Angélica iria com eles. Monfaz também. Todos uniformizados. Gostaria de ter ido também, mas em dia de semana era impossível.

O reitor ficou de dar uma resposta em uma semana. Infelizmente a resposta não foi boa. O reitor deu muitas desculpas e recusou. Mais tarde Josué ficou sabendo que o Dr. Antonio Ricardo era um dos patrocinadores da faculdade. Como dois mais dois são quatro, foi fácil saber quem foi o responsável para fazer o reitor recusar. Eles não desistiram. Monfaz conseguiu junto ao Colégio Flores de Moraes um auditório para 80 pessoas. No próprio colégio, cujo diretor era amigo de Monfaz, iriam abrir o restaurante e todos poderiam fazer suas refeições gratuitamente. Só precisavam de ajudantes de cozinha e alguém que fizesse a limpeza no término.

Meio caminho andado. Leocádio também disse da sua preocupação com as finanças. Ele precisava viajar. Não podia gastar do que ganhava. Tinha uma família. Não iria tirar deles para o escotismo. Sabia que se falasse com o chefe Mauro Ornelas o Escoteiro Chefe ele daria um jeito. Já tinha oferecido a Leocádio ser um executivo pago pela sua empresa. Mas era certo isso? Afinal não sabiam ainda que aprender fazia parte do crescimento e não ficar dependente de outros? Maria Angélica, Monfaz e Josué, concordaram com ele. Já tinha contado o que viu no outro estado. Como funcionava. Um alto executivo. Disse que estava em seus planos. Ia demorar, pois sabia não ser tão fácil.

Leocádio como o novo chefe de divisão do alto forno teve um substancial aumento em seu salário. Foi uma

surpresa. Já estava modificando e arrumando sua casa. Sempre sonhara com um belo jardim. Ele mesmo ia cuidar. Waldinho estava crescendo. Entrou no Grupo Escolar Santo Antonio. Adorava. Retornava contando maravilhas. Leocádio adorava o filho. Ficavam horas e horas quando chegava a casa. Um dia ele, Rosa e Waldinho estavam passeando no centro da cidade. Um domingo. Cidade vazia. Adoravam o sorvete da cantina do Nino. Waldinho chegava a tomar dois.

Viram na vitrine das Casas Yorque, as geladeiras novas que estavam aparecendo no mercado. Rosa se enamorou. Já pensou? Dizia – Nunca tivemos uma. Tudo gelado? Guardar as carnes, o leite, as verduras e nada estragar? Mas levaria tempo. A casa não tinha prazo para terminar. Ele acreditava que com um ano tudo estaria pronto. Os móveis precisavam ser trocados. Comprou um belo rádio de ondas medias e curtas. Pegava rádios de muitos lugares. Adorava ouvir a noite quando não ia a sede regional, a rádio Nacional e a rádio Mayrink Veiga.

Rosa e ele ouviam dormitando um abraçado ao outro na varanda da casa, os programas noturnos. Primeiro a voz do Brasil. Depois desfilavam Ivon Cury, Carlos Galhardo, Vicente Celestino, Carmem Miranda e tantos outros. Iam dormir sobre as canções que sabiam e ribombavam em suas mentes. Leocádio levantava cedo. As cinco já estavam de pé. Era perto a usina. Não mais que uns três quilômetros. Chegava sempre uma hora antes. Nunca saia no horário. A não ser quando tinha reuniões na sede regional. Era muito querido pela sua chefia. Diziam que não ia demorar muito e seria vice-presidente industrial. Ele sabia que não. Não tinha curso superior.

Dona Lourdes vinha sempre visitá-los. Rosa e Waldinho foram buscá-la naquela tarde de sexta feira na rodoviária. Uma alegria. Leocádio gostava de sua sogra. Ela vinha pelo menos quatro vezes ao ano. Rosa não. Só podia ir a Santa Maria do Rio Doce uma vez por ano. Dona Lourdes adorava Waldinho. Era seu “xodó”. Leocádio gostava mesmo da sua sogra. Ela tinha por ele o maior respeito. Ele se divertia com a chegada dela. Trazia duas latas de gordura de porco cheia de nacos de lombo, torresmo e deliciosos chouriços. Sempre Leocádio ia buscá-la na charrete alugada do seu Mundico. Naquele dia não deu. Quem sabe um dia poderia comprar um carro? Um sonho distante!

Agora tinha uma preocupação. Fazer o Conselho Regional. Sabia que sempre faziam a noite de um sábado. Começava as nove e terminava as dez. não confiava nas atas que tinha lido. Tinha certeza que eram fajutas. Como na sala da região ter uma presença de quarenta membros? Lá não cabia mais que dez e assim apertados. Já tinham o local, seria de dois dias. Abertura em um sábado ao meio dia. Termina no domingo às três da tarde. Quem quisesse podia acantonar no colégio. Duas salas de aula foram preparadas.

Mandou um convite para todos os grupos que tinha o endereço. Poucos confirmaram a presença. Não importava. Havia anos que esses conselhos eram pró-forma. Desta vez não seria. Leocádio se preparou. Sem discurso. Não convidou políticos. Nem convidou os membros da executiva anterior. Não tinha seus endereços. Só do ultimo presidente. O Coronel Laércio Selatiel. Seria o primeiro Conselho Regional em dois dias. Nunca fizeram isso. Leocádio pensou diferente. Não seriam empurrados para um auditório. Uma mini Indaba seria implantada.

Precisava de ajuda. Monfaz convidou mais cinco amigos dele. Jairo, Lionel, Marco Antonio e Juarez. Uma mão na roda. Foram todos nomeados assistentes regionais. Muitos riram dessa nomeação. Eram jovens, alguns mal entrando na casa dos dezoito anos. – esse comissário está se saindo uma bela encomenda. Assim diziam e davam boas risadas. O respeito e a disciplina ainda não eram dos melhores.

Chegou o dia. A abertura seria às onze da manhã de um sábado. No dia anterior Leocádio recebeu um telegrama do Escoteiro Chefe. Perguntava se Leocádio queria ele presente. Ele conversou com Maria Angélica e Rosa. Acharam que era seu primeiro. Tinha que mostrar seu valor. Sem figurão junto. Passou outro telegrama agradecendo gentilmente. Disse que estava mandando uma carta explicativa. Naquela época telefone era difícil e o correio não se saía bem em presteza.

Leocádio foi para a porta do colégio, esperar a chegada dos participantes. Fazia questão de cumprimentar a todos que chegava. A maioria não sabia quem era ele. Nunca viu tanta figura “emplumada”. Nunca viu tantas medalhas. Tantos uniformes diferentes. Pensou consigo: - Onde estavam essas pessoas quando o Escoteiro Chefe precisou deles para nomear alguém melhor que ele como Comissário Regional?

Onze horas em ponto. Subiu no pequeno palanque do auditório. Viu que estavam ali pelo menos sessenta pessoas. Nunca pensou que teria tantos presentes. Tropeçou em uma taboa. Caiu de chofre no chão. Machucou a testa. Doía muito. No auditório todos rindo. Gritavam entusiasmados. Um papel de escoteiros? Claro que não. Ia

provar para eles o que é ser um verdadeiro escoteiro. O tempo era seu aliado. Não tinha pressa. Poxa! Que escotismo pensou. Não disse mais nada. Levantou-se e foi até o centro da mesa. Mas na mesma hora um homem loiro, alto, já dos seus cinqüenta anos, com um uniforme diferente, um lenço azul, mais de quinze medalhas, disse que era o presidente e iria assumir. Falou em alto e bom som. A maioria bateu palmas.

Ele educadamente falou baixo para quem se dizia presidente. Saia daqui meu amigo. Você não é mais nada. Você tem duas escolhas. Primeira – sair educadamente. Segunda – Sair à tapa. Vou contar até três. Ele gritou respondendo. Vou falar com o Escoteiro Chefe. Amanhã mesmo você está na rua! Leocádio riu. Vá. Fale mesmo. Ele saiu cuspidando marimbondo e fazendo ameaças. Sou o Coronel Laércio Salatiel. Você não sabe com quem esta falando! Você vai ver quem eu sou. Ainda não viu nada. Espere e vai ver.

Leocádio assumiu a direção dos trabalhos. Trabalhos? Que trabalhos? Levou todos para o pátio. Deu 10 minutos para se organizarem em patrulhas. Caso não conseguissem ele mesmo o faria. Começaram a correr daqui e dali. Uma ou outra patrulha se formava. Sempre com pessoas conhecidas do próprio grupo. Mais cinco minutos e lá estavam todos, no entanto dispersos. Mandou formar uma patrulha ao lado da outra.

Leocádio fez um jogo estupendo. Muitos risos e palmas. Cansados voltaram para o auditório. Agradeceu a presença e deu inicio aos trabalhos. Convidou um pastor chefe escoteiro que fizesse a oração. O pastor assustou-se. Nunca fora convidado. Sempre era um padre ou alguém próximo à direção. Disse que não havia ata anterior. Ele não encontrou.

Devem ter levado de presente. Todos riram. Convidou uma senhora de uniforme para escriturar todo o conselho. Já tinham providenciado um novo livro de Ata.

Terminaram no domingo às quatro da tarde. Uma grande amizade ali se formou. Nunca fizeram uma cadeia da fraternidade. Eles ainda não sabiam o que era isso. Mas cantaram uma canção escoteira e todos foram para suas casas. Maria Angélica veio abraçá-lo. – Estou orgulhosa chefe. Nunca vi isso na minha vida. Leocádio fez questão de agradecer aos novos amigos. Jairo, Lionel, Marco Antonio e Juarez. Amigos, sem vocês nada teria acontecido. Obrigado. Obrigado mesmo. Sem eles o Conselho Regional que chamou de n. 1, não teria acontecido de maneira nenhuma. Só faltou uma eleição da diretoria. Mas foi aconselhado pelo Escoteiro Chefe para esperar a época propícia.

A sala da sede regional começou a ficar pequena à noite e aos sábados pela manhã. Rosa começou a sentir sua falta. Um dia disse para ele. Meu marido (era assim que o chamava carinhosamente) sabe que está entusiasmado e fazendo um ótimo trabalho. Mas veja, você chega as onze ou meia noite, ainda vai tomar banho e jantar. Dorme pouco, pois levanta as cinco. Não pode continuar assim. Isso pode prejudicar seu emprego. Já pensou se mandam você embora?

Leocádio viu que Rosa tinha razão. Passou a ir duas vezes por semana. Mas aos sábados e domingos não conseguiu cortar. Não tinha jeito. Estava treinando os jovens que o ajudavam, mas não era a mesma coisa. Sentia que na capital os grupos estavam sendo agrupados em uma grande fraternidade. Dos doze iniciais que encontrou agora eram

dezesseis. Mas não conseguia que todos fizessem o registro. Não sabiam como fazer.

Treinou uma equipe de oito. Ficaram dois dias acampados e fazendo toda espécie de burocracia para o registro. Espalharam-se pelos grupos. No segundo ano mais de oitenta por cento fizeram o registro. Um sábado recebeu a visita de um oficial de justiça. Estava sendo intimado para comparecer ao fórum local. Fora acusado de desrespeitar o Senhor Coronel Laércio Salatiel. Lembrou. Era a pessoa que se dizia presidente. O fundo financeiro da região era pequeno. Mal dava para cobrir despesas do correio. Contratar um advogado estava fora de questão.

Resolveu telefonar ao Escoteiro Chefe. Ficou mais de dez minutos no telefone na Cia telefônica. Só lá se podia fazer interurbano. Explicou tudo. O Escoteiro Chefe disse para não se preocupar. Alguém iria procurá-lo amanhã mesmo. À noite o advogado Trajano o procurou. Pertencia ao Departamento Jurídico da empresa do Escoteiro Chefe. Disse para Leocádio que não se preocupasse. No dia determinado Leocádio foi ao fórum. Lá estava o presidente de araque e mais uma claque de amigos. Soube depois que ele era vereador na cidade. Um falastrão e um canastrão. Fora sim presidente em épocas passadas. Sempre aparecia em solenidades.

O juiz multou o Coronel Salatiel em vinte e cinco mil reis. Pela acusação injusta e pela perda do tempo dele ali por julgar uma causa sem precedente. Leocádio até ficou com pena dele. Mas sua arrogância em pelo menos não o procurar antes do Conselho fez com que não perdoasse a dívida. Doou-a para a região. Seria o primeiro fundo financeiro. Os

primeiros registros foram motivo de orgulho para Leocádio. Quando assumiu eram duzentos e oitenta. Agora estavam encostando-se aos oitocentos. E isso só na capital.

Um sábado recebeu a visita de um dirigente de um Grupo Escoteiro de uma cidade próxima. Diziam que era o grupo mais antigo. Nunca deu bola para a região. O chefe Marlinho não era o tipo de arrogante. Parecia ser boa pessoa. Mas enganou-se. Era uma cobra. Arrastava por trás para morder depois. Leocádio foi pego de surpresa. Não esperava isso. Marlinho o convidou para ir visitar o grupo. Era menos de uma hora de viagem de carro. Porque não? Pensou. – Chegou lá no sábado programado. Não encontrou ninguém.

Custou para descobrir que tinham ido viajar para uma cidade do interior. Bem longe por sinal. Lá iriam organizar um grupo a pedido do colégio de padres da cidade. Perguntou a Monfaz quantas horas de viagem. Aproximadamente quatro horas. Vamos lá? A região paga o combustível. Não estava no programa. Não dava para ir e voltar no mesmo dia. Maria Angélica estava com eles. Pediram para ela voltar de ônibus. Avisar aos pais de Monfaz e a Rosa.

Às cinco da tarde chegaram a Vargem Grande. Acharam fácil o colégio. Lá estava o grupo. A meninada correndo aqui e ali. Leocádio avistou Marlinho conversando com dois padres. Foi até lá. Marlinho levou um grande susto. Chefe? Você aqui? Como chegou? Você não me convidou? Não disse que iria me esperar na sua cidade? Marlinho ficou sem graça. Leocádio perguntou que chefe ele era. E fundar grupos não era sua função. Tentou explicar. Depois disse que numa roda de amigos da capital iria fazer o Comissário

Regional de bobo. Já tinha programado uma viagem com o Grupo Escoteiro e diria que eles ficariam a sua espera.

Leocádio ficou vermelho. De novo? Quando ia acabar isso? Marlinho me chame o chefe mais antigo aqui. Estava lá o chefe Alfredo Boaventura. Você considere-se exonerado agora. Chefe Alfredo, você assume. Se souber que tomou qualquer atitude aqui você será expulso. Era assim Leocádio. Nunca deixou de mostrar o que sentia. Marlinho pediu desculpas novamente. Mas "Chefe" eu esqueci mesmo do convite. Leocádio disse a ele – Você me fez deslocar a sua cidade para nada. Tratou-me como um moleque. Vou embora agora. Não quero mais saber de você à frente do grupo.

A fama de Leocádio começou a correr em seu estado. Mas o interior estava esquecido. Ninguém dava notícias. Alfredo Boaventura assumiu o grupo do Marlinho. O procurou em uma quinta a noite na sede regional. Agradeceu a Leocádio por demitir Marlinho. Eles o achavam muito falso. Desconfiavam dele há muito tempo. Dormia nas barracas com os meninos e estes tinham um medo grande dele. Não contavam nada. Soube depois que ele fazia ameaça, não entregar distintivos e por aí vai. Leocádio detestava tais tipos. Nunca pensou que no escotismo isso existe. Leocádio era um ingênuo.

Em uma terça recebeu um telegrama do Dr. Mauro Ornelas, o Escoteiro Chefe. Dizia – Leocádio, eu tenho de falar com você urgente. Se puder vá a Companhia Telefônica hoje, às nove da noite. Farei um telefonema a cobrar. Leocádio ficou preocupado. Não seria um assunto simples disso tinha a certeza. Mas um pedido do Escoteiro

Chefe para ele era uma ordem. Perguntou a Maria Angélica se sabia de alguma coisa. Nada. Ela não sabia de nada.

O telefone tocou no horário. A telefonista o chamou. Foi para o reservado. Preferiu sentar. Após os xalamaleques de praxe, o Dr. Mario entrou no assunto – Leocádio, disse. Desde a semana passada que recebo telefonemas do palácio do governo de seu estado. Primeiro um assessor. Não dei ouvidos. Depois o Secretário de Educação. Quando me falou o que pretendia não dei ouvidos. Mas o Presidente do seu estado me telefonou ontem. Insistiu. Nunca vi alguém assim. Para dizer a verdade, conheço os políticos. Quando eles querem de você algum, tem coisas por trás.

E veja bem, é um ano de eleição. Getulio Vargas insiste em ser candidato novamente. Soube que seu estado e o outro vizinho de vocês são contra. Não sei o que vai dar. Pode até haver uma intervenção em tudo aí. Pelo que ele deu a entender é taxativo. – Mas Dr. Fale logo, está rodeando e não dizendo nada. Chegue aos finalmentes que os entretantos o senhor já falou. Dr. Mauro riu do outro lado. Ele gostava de Leocádio. Sempre direto. Seria uma pena se fosse dar ouvidos ao pedido do Presidente daquele estado. Por ele nunca faria isso. Nunca teve medo de políticos.

- Bem, vamos resumir e ser breve – Disse o Escoteiro Chefe. Eles querem sua cabeça! Claro que a conversa foi outra. Vieram com uma lengalenga de aumentar o efetivo em seu estado. Colocar as polícias militares como centro de expansão. Iriam treinar oficiais e sargentos para chefes. Não iria faltar dinheiro. Todas as escolas estaduais teriam uma ou duas salas para os escoteiros. O estado teria o

maior efetivo escoteiro do Brasil. E quem sabe maior mesmo que muitos países da América do sul e da Europa.

Leocádio ouvia atentamente. Não era uma má idéia. Mas achava muito difícil uma região escoteira liderar um empreendimento como esse. Nunca aceitariam a liderança de um civil. Claro, tinha que ter alguém por trás disso. – O Escoteiro Chefe riu do outro lado. Claro que sim. Chama-se Dr. Antonio Ricardo. Como sabe ele tem uma grande empreiteira e presta serviço ao estado. São unha e carne. Ele subvenciona muitos políticos. Agora você deve estar sabendo que se aproximam as eleições. O governo do seu estado quer colocar lá um dos seus. Mas até aceitou outro que não seja o Getúlio.

Leocádio era avesso à política. Nunca participou de nenhum partido político. Na Usina fora procurado varias vezes pelos novos sindicatos que estavam surgindo. Era os tais PRP, PQR, PQ não sei o que. Tantos que Leocádio não entendia nada. Getulio já tinha autorizado o funcionamento dos sindicatos e estava em curso à promulgação da CLT, Consolidação das Leis do Trabalho. Leocádio tinha esperanças que o tratamento e os deveres dos diretores da usina com os funcionários mudassem. Não gostava do que via. Uma política de opressão. Ficou sabendo inclusive que diversos trabalhadores tinham sumido. No alto forno não sabia de nenhum caso, mas a “Radio Pião” sempre dava notícias.

O Dr. Mario continuou – Querem que assinemos um projeto, que será enviado à assembléia do estado e promulgado como lei. Assim se amanhã o Presidente do estado for substituído o convenio estado-UEB será mantido.

Mas olhe, em troca querem sua substituição. Ri quando falaram isso. Disseram que você não tinha preparo intelectual para desenvolver o projeto. Precisavam de alguém de fibra, com largo conhecimento do escotismo brasileiro e mundial. Que fosse alguém conhecido na sociedade local. Com livre trânsito entre os políticos e a sociedade do estado.

Leocádio riu. Sabia quem seria. Nada mais nada menos que o Dr. Antonio Ricardo. Estaria em conluio com o Espanhol e com o Cel. Laércio Salatiel. O próprio Leocádio recitou o nome para o Escoteiro Chefe. Do outro lado da linha ele riu. – Leocádio, disse – Você é nosso homem de confiança. Você é que decide. Se resolver enfrentar conte com meu apoio, mas agora esta diante de uma luta inglória. Um governo do seu estado contra você. Portanto analise, pense, consulte seus amigos que fez aí. Converse muito com Dona Rosa sua esposa. O que você decidir está decidido. Você sabe que sou seu amigo. Eu o admiro muito.

- Continuou - Nunca em minha vida encontrei alguém tão probo como você. Sua honra, sua ética está acima do que se espera de um homem de bem. Para dizer a verdade se não fosse um empresário com muitas filiais em todo país e principalmente em seu estado onde tenho oito lojas de grande porte, eu mandaria todos eles as favas. Mas não podia fazer isso. Pedi um tempo. Disse que em duas semanas daria a resposta. O Secretário da Educação já me ligou duas vezes. Não entendia o porquê não o mandei embora logo.

Ninho de cobras pensou Leocádio. Ninho de cobras. Nunca pensou em se meter nesse negócio. Nunca. Isso não era para ele. Agradeceu ao Escoteiro Chefe pelas palavras. Disse que daria resposta em cinco dias. Por ele diria agora que

não ia continuar. Não iria valer à pena, mas tinha que dar satisfação a muitos. Principalmente a Rosa sua esposa. Desligou e voltou pela rua movimentada pensativo. Seus olhos estavam molhados. Um homem não chora diante da adversidade pensou. Mas ele não estava agüentando. Era muito para ele.

Mario Montes olhou o relógio. Uma da manhã. Meu Deus! Tenho de trabalhar hoje. Riu. Era hoje mesmo. Olhou para o chefe Jovelino. Ele riu. Porque não continuamos outro dia? Nossa! Uma historia e tanto! Encerrar ali seria uma decepção, mas não podia ficar mais. Chefe Jovelino, falou – O Senhor Não se incomodaria de eu vir todos os dias da semana? Chegaria lá pelas oito e até meia noite iria embora. Juro que não iria incomodar. Chefe Jovelino com aquele semblante de um verdadeiro amigo, - disse – Mario Montes. Faça de minha casa sua casa. Eu gosto de receber visitas. Você é uma delas. Espero você amanhã sem falta! Certo?

Mario Montes seguia pela rua deserta. Uma e meia da manhã, segunda feira brava. Um céu cheio de estrelas. Procurou a mais brilhante. Lá pela constelação de Orion tinha uma. Linda piscava raios de cores variadas. Não pode ser pensou. Não pode ser ela. Foi somente um conto, uma historia. Ela não existe. Mario Montes riu. E sorrindo foi cantando o Rata-plã baixinho. Quanto tempo não cantava. Adorava o escotismo. Um amor incrível entre ele e o movimento escoteiro. Mario Montes era um bom escritor. Escrevia historias escoteiras lindas. Não era muito compreendido, mas um dia todos saberiam seu valor.

Vamos, não chores. A infância está perdida.
A mocidade está perdida. Mas a vida não se perdeu.

CAPITULO VI

Para dizer a verdade, Mario Montes teve uma péssima segunda feira. Mario Montes era Técnico Mecânico. Formou-se pela Escola Técnica Vicente de Moraes em Ouro Branco a mais de dez anos. Trabalhava para uma multinacional que tinha interesses em muitos estados e cidades. Fabricavam máquinas pesadas para beneficiamento de grãos e Mario Montes muitas vezes se ausentava dando apoio à instalação ou mesmo manutenção nestas máquinas. Poderia dizer que conhecia boa parte do Brasil. Gostava do que fazia. Talvez tenha sido o motivo para ainda não ter casado.

Aos vinte e oito anos já tinha um belo emprego, um ótimo salário e fazer o que gostava. Viajar. Nessas viagens conheceu muitos grupos escoteiros. Uma amizade sadia surgiu em muito deles. Diversas histórias surgiram com seus contatos com chefes e jovens de ambos os sexos. Era escoteiro desde menino. Lobinho, escoteiro e sênior. Serviu o exército

por um ano. Até pensou em seguir a carreira militar. Achava-se um homem disciplinado e cumpridor dos seus deveres. Não deu certo. Interessante foi que se inscreveu em um curso de oficiais na melhor academia do país. Foi aprovado em quadragésimo lugar. Pensou e pensou. Trancou a matrícula.

Talvez porque seu pai tinha deixando sua mãe. Um casamento de mais de vinte anos. Laura Montes não tinha uma beleza que chamasse a atenção. Mas deixar sua mãe assim abruptamente? Nunca entendeu isso. Ficou sabendo que ele se apaixonou por uma menina de dezessete anos. Dezessete! Ele tinha mais de cinqüenta e oito. Bem isso aconteceu há muitos anos atrás. Eles ainda viviam juntos. Mario Montes não tinha raiva do pai. Até mantinham uma amizade e se encontravam uma ou duas vezes por trimestre. Morava em uma cidade próxima. Seu pai sempre foi um excelente técnico de radio e TV. Tinha uma oficina muito concorrida e mais de cinco funcionários.

Iara a nova esposa de seu pai era uma bela mulher. Uma morena alta, olhos verdes profundos. Uma saliência nos lábios lhe dava um aspecto sensual. Nunca olhou para ele com jeito lascivo. Nunca. Mario aprendeu a respeitá-la. Sua própria mãe o ensinava a não ter ódio de ninguém. Se eles fossem felizes que tivessem sua oportunidade. Mario Montes não era um espírita convicto. Mas acreditava. Sempre achou que morrer e desaparecer não fazia sentido. Por outro lado à diferença dos povos, das pessoas, uns ricos, outros pobres, uns conseguindo boa formação acadêmica e outros saindo para o crime. E os doentes? Qual a culpa deles em nascer assim?

Por muitos anos Mario Montes procurava se encontrar. Não era fácil. Sua mãe era uma espírita convicta. Participava do Centro Espírita União dos Povos há muitos anos. Era uma catequista de mão cheia. Ajudava nas reuniões de materialização, evangelização e doava muito do seu tempo a Casa André Luiz onde tinha sob a sua tutela cinco meninas de três anos, todas com problemas graves. Algumas por terem perdido o contato com suas mães ao nascer, e outras esquecidas nas esquinas da vida devido a doenças degenerativas.

Sua mãe tinha uma vantagem. Não ficava enchendo sua cabeça com doutrinas espirituais. Nunca fez isso. Dizia que tudo tem seu tempo e sua hora. Ensinou isto sim a ser honesto, ter caráter, ética e saber reconhecer o valor de uma boa ação. Ela até o exaltava pelo seu trabalho escoteiro. Dizia – Mario Montes, a vida é cheia de escolhas, se você escolher a certa vai ter retorno. Você é quem decide. Tem o livre arbítrio. Ajuda o próximo como a ti mesmo. Fazendo isso você cumpre os preceitos dos ensinamentos de Jesus. Você faz isso bem. Escolheu o escotismo. Formação de jovens. Meu filho eu orgulho de você. Era assim minha mãe. E quem não se orgulharia dela?

Foi algumas vezes ao centro. Convidaram-no para ajudar na sopa dos domingos, quando aparecia mais de oitenta crianças. Quem sabe você organiza com eles brincadeiras, outras atividades que os escoteiros fazem? Mario Montes gostou da idéia. Mas e suas viagens? Em suas viagens não tinha data de retorno. Teve casos de ficar mais de dois meses. Se tivesse pelo menos dois dos participantes que conhecessem o escotismo, até que poderia aceitar.

Mario Montes lembrou quando esteve a trabalho em Uberaba, lá pelos anos 80. Não lembrava a data. Uma usina de beneficiamento de arroz estava com o motor falhando e não havia peças para substituição. Mario foi a São Paulo, comprou as peças e pegou um avião para Uberaba. A máquina funcionando ia retornar no dia seguinte de ônibus. O gerente do hotel perguntou se ele ia visitar o Chico Xavier. Ele se deu conta que estava na cidade do médium. Pegou um taxi e foi até lá. Uma multidão. Difícil chegar perto do médium. De longe Chico fez um sinal para ele, gritou com sua voz rouca – Mande um abraço para dona Laura Montes. Diga a ela que gosto muito dela e espero uma visita.

Incrível! Como ele sabia? Como? Sua mãe quando retornou lhe explicou que nas reuniões de materializações, Chico Xavier sempre estava presente com eles. Eles eram bons amigos. Mas mãe, disse Mario Montes, ele está a mais de quinhentos quilômetros de distância! Sua mãe riu e disse – Para nós não existe distância. Quando estamos vivendo em espírito, elas são transpostas pelo pensamento. Fiquei encucado. Mas não entrei em detalhes.

Não fora uma boa segunda feira para Mario Montes. Tudo deu errado. Queria terminar de fazer dois desenhos de uma nova máquina para colhedeira de arroz e sua mente embaralhava. Caramba! Sua mente sempre pensando no que lhe disse o chefe Jovelino. Afinal quem era o tal de Leocádio? Ele nunca ouviu falar. Mas se existiu foi em mil novecentos e antigamente. Riu das suas palavras. Não podia ficar com um buraco negro em sua mente. Chefe Jovelino tinha de contar o resto da história. Saiu do trabalho já era quase oito da noite. Deram um pouco de trabalho seus desenhos técnicos. Saiu direto para a casa do chefe Jovelino.

Estacionou seu carro e viu na porta o chefe. Ele ainda mantinha a pose de uma pessoa sã, sem curvar. Se não fosse sua perna e seus cabelos brancos, todos diriam que teria no máximo sessenta anos. – Venha Mario. Jaílides acaba de fazer um chocolate quentinho. Sabia que viria sem comer e comprei uns pãezinhos deliciosos. Mario tinha pressa. Comeu rápido. – Vamos lá chefe, sua história me acompanhou hoje o dia inteiro. Tenho que conhecer como vai terminar! Chefe Jovelino riu. Uma boa risada atrás de uma boa cheirada de rapé. Logo espirros mil. Cada um com sua mania.

Leocádio - Continuou chefe Jovelino, conversou muito com Rosa. Agora tinha peixe grande na jogada. Ele não tinha nenhuma idéia do que fazer. Tudo dizia para mandar eles as favas e voltar a sua vida e a seu grupo escoteiro. Mas e Maria Angélica? E Monfaz? E os demais? Voltaram à região porque confiaram e mim. E o Dr. Mauro Ornelas o Escoteiro Chefe? Afinal ele esperava uma resposta minha. Deixou que eu resolvesse. No entanto confiou em mim. Não gosta nada do que está acontecendo.

Maria Angélica, Monfaz e Josué foram contra. – Lembraram a ele do passado. Veja comissário, todos riram de você no início. Achavam-no um frouxo. Mas todos agora estão vendo que pela primeira vez a região está em movimento. Deixar tudo para o “esnobe” metido a besta? Já pensou o Doutor Antonio Ricardo ou o Espanhol assumindo? Do Coronel Laércio Salatiel? Seria uma derrota que não gostaria de ver. As risadas, as chacotas, quantos não iriam rir de você? E de nós também, pois estamos juntos. Ou achamos que estamos.

Era uma jogada difícil. De um lado, ele, seus amigos, sua esposa e o Escoteiro Chefe. Do outro uns “malfeitores” e uns políticos sem caráter. Mas ele era uma formiguinha. Poderia ser esmagado com um piscar de olhos. – Monfaz olhou para ele e disse: - Vai ser duro, mas se quiser comprar a briga, tenho um amigo que é repórter do Jornal o Estado, já foi escoteiro e tenho certeza que iria publicar com gosto esta notícia. É um jornal apolítico.

Leocádio vivia calado. Só ouvia. Só comentava com Rosa. Dizia o que pensava. Finalmente achou que iria enfrentar os “grandes”. Disse para Rosa que se tudo se saísse mal e eles tivessem poder na Usina ele poderia perder o emprego. Rosa riu. Leocádio disse – Afinal quantas vezes falamos de honra? De honestidade? De ética? Se todos correrem com o rabo no meio das pernas em cada grito, que Brasil nós vamos deixar para nosso filho? Que seja o que tiver de acontecer. Se perder o emprego vamos embora. Vamos procurar outro lugar. Você vende nossa casa, compramos um sítio e vamos plantar roça. Criar galinhas. E dava risadas. Leocádio adorava Rosa. Uma grande mulher. Podia ter igual, mas acima dela nunca!

Naquela noite Leocádio ligou para o Dr. Mauro Ornelas o Escoteiro Chefe. Disse sua resolução. O Escoteiro Chefe riu do outro lado. Eu sabia meu amigo. Tinha certeza que você é um escoteiro nato. Não corre ao primeiro grito, apesar de que esse não é um grito. É um berro! E riu no telefone. Olhe, seja mais maleável com os três que estão lhe fazendo frente. Sempre é bom estudar a batalha que se pronuncia com calma. Depois você os leva para o cadafalso e corta a cabeça de um por um. E deu risadas. Leocádio riu também, mas sabia que não seria uma brincadeira.

Avisou seus amigos que o auxiliavam. Deixou que eles decidissem se ficavam juntos ou não. Explicou que não iria ficar mal com nenhum deles. Era uma situação *suis-generis*. Englobava uma luta de David e Golias. Ninguém abandonou Leocádio. Se já tinham orgulho em pertencer a sua equipe agora mais ainda. Leocádio pediu a Maria Angélica que fizesse três ofícios, uma para o Dr. Antonio Ricardo, um para o Espanhol e um para o Cel. Laércio Salatiel. Devia constar que o Comissário Regional sabia do pedido do Governo do Estado, e a pedido do Escoteiro Chefe resolveu continuar no cargo. Convidava para uma reunião particular, na sede regional, no domingo dia 25 as três da tarde. Exatamente dentro de um mês.

O assunto correu de boca em boca. Todos comentavam o que seria aquela reunião. Dariam tudo para estar nela e participar. De um lado um comissário turrão. Do outro. Três poderosos que nada tinham feito pelo escotismo no Estado. Apresentavam-se nas festas e mais nada. Além da capital o tema também foi muito comentado no interior. De um lado, muitos ficaram partidários de Leocádio. Outros em menor número não. Leocádio estava tranqüilo. Nesse período se deu uma folga do escotismo. Tinham começado a programar o desenvolvimento do estado, através de Indaba em grupo, distrito e finalmente uma grande Indaba regional. A apoteose de tudo.

Preferiu esperar a reunião. Sabia que não seria fácil. Gente acostumada a mandar. A ter sob sua orientação milhares de empregados. Excelentes condições financeiras. Nada tinham a perder. Leocádio não. Tinha muito a perder. Seu emprego, sua tranqüilidade e amigos. Amigos da usina e

do escotismo. Que saudades dos seus tempos de escoteiros, pensava. Tempos em que a lealdade era ponto de honra. Que podia confiar em todos. Não havia traição. Todos eram irmãos de sangue. Durante esse tempo lembrou pouco de Baden Powell. Sabia que era o homem responsável e criou o escotismo. Mas sabia pouco sobre ele. Agora que estava ambientando. Um dia ele saberia de tudo.

Almoçou as onze da manhã. Esperou dar uma da tarde. Tomou um banho. Colocou seu uniforme devagar. Sempre se olhando no espelho. Gostava do que via. Sabia que o garbo sempre fora uma das suas conquistas. Poderia ser um “roceiro” um “capião” ou mesmo um iletrado. Mas sempre fora um escoteiro de coração. Não só com seu uniforme. Prezava o respeito nas vestimentas. Nunca o veriam sem camisa. Quando chegava uma visita a sua casa, colocava um paletó. – Era uma visita, dizia, se arrumou para me visitar. Tenho que recebê-lo do mesmo jeito.

Deu um beijo apaixonado em Rosa. Um abraço enorme em Waldinho. Parecia que estava indo para a guerra! Riu de si mesmo. Era mesmo uma guerra. Guerra de escoteiros. Sua vida profissional estava em jogo. Nunca pensou que isso pudesse acontecer. Foi ao ponto de ônibus. Pegou o primeiro que passou. Chegou cedo. Desceu duas quadras antes. Passou no bar do Joaquim. Tomou uma grapette. Saiu andando devagar. Em frente ao prédio levou um susto. Milhares, sim milhares de escoteiros. Como? De onde surgiram? Todos gritando seu nome. Uma apoteose! Ficou com medo de se aproximar. Monfaz veio correndo, Maria Angélica também.

É para você diziam. Um apoio que você nunca esperou. O assunto correu o Brasil. Estão aí escoteiros e chefes de muitos estados. As ruas paralelas estão cheias de carros e ônibus! Leocádio chorava. Não era hora, mas ele chorava. Impossível agüentar tanta emoção. Queria que Rosa estivesse ali com ele. Gritaram seu nome, o viram, foi carregado em triunfo até a porta do prédio. O Escoteiro Chefe estava lá a sua espera. Vários dirigentes de outros estados. Leocádio viu o Dr. Fabiano, comissário regional do estado vizinho. Richard, o executivo sorrindo para ele. Foi apresentado a outros regionais. – Você é o Leocádio? Meu amigo é uma honra conhecê-lo. O choro não parava. Precisava se controlar.

E os outros que convidei para a reunião, perguntou! Não vieram? Não, você sabe que quando eles soubessem disso não viriam mesmo. Pense bem, os nomes deles serão conhecidos no Brasil inteiro. O mundo escoteiro irá ver neles os traidores, os déspotas. Aposto que ficarão longe de você. Enviaram a mim – disse o Escoteiro Chefe – Um pedido de demissão do movimento escoteiro. Isso foi ontem. Aceitei. Estamos livres deles. Leocádio estava perplexo. Nunca, mas nunca mesmo pensou que aquilo poderia acontecer. Alguém trouxe uma cadeira. Todos gritando – discurso! Discurso! Leocádio chorava. Nunca fez um discurso. Subiu na cadeira, olhou aquele mundão de gente. Um silêncio enorme se fez presente.

- Meus irmãos escoteiros. Um dia que nunca esperei na vida. Um escoteiro da roça. Um iletrado. Nunca imaginei que isso fosse acontecer. Meu sonho era continuar escoteiro. Criar meu filho, viver minha vida com Rosa a minha esposa. Cheguei aqui com uma mão na frente e outra atrás.

Todos riram. É verdade. Por um capricho do destino fui guindado ao cargo de Comissário Regional. Um homem bom acreditou em mim. Não foi fácil. Estávamos em situação acéfala. Cada um fazendo o que queria, claro que um bom escotismo, mas esquecendo do próximo.

A minha vida inteira aprendi que o respeito, a ética, a honra e a amizade, deveriam imperar no escotismo. Para isso temos uma lei. Se não obedecermos compreendendo o que ela significa não somos dignos de ser escoteiros. Aprendi que ser honesto faz parte de nossa formação escoteira. Que Deus abençoe a todos vocês por este apoio. Nunca vou esquecer. Prometo a vocês. Lutarei até o fim da minha vida para fazer não só do meu estado, mas também do nosso país. Obrigado.

Muitas palmas (naquela época ainda não existia a palma escoteira) Anrê, anrê, anrê se ouvia em todos os cantos. A imprensa estava lá. Muitos jornais. Duas rádios entrevistando. Querendo saber o que era aquilo. Não tiveram notícia que teria um encontro escoteiro na capital. Pediram entrevistas. Leocádio sem jeito, disse aos repórteres que o Escoteiro Chefe iria dar. Subiram até a sala da região. Lotada. Leocádio estava deslocado. Não sabia como agir. Não era sua seara.

Foram jantar no Gales' restaurante. Um luxo. De novo os tais dos pratos. Dos copos. Dos talheres. Leocádio não gostava disso. Mas ali estavam figurões escoteiros e também seus amigos. Maria Angélica ria sem graça. Monfaz também foi. Josué não quis ir. Disse que a namorada o esperava. Pediu desculpas. Muitos falando ao mesmo tempo. Do lado de fora jornalistas querendo tirar foto. O gerente perguntou quem era

o homenageado. Riam e apontaram para Leocádio; todo vermelho e com uma cara de fazer dó.

Quando chegou a sua casa, era mais de duas da manhã. Rosa estava a sua espera. Ainda não sabia de nada. Quando Leocádio terminou de contar ela chorou. Ambos choraram juntos. Nunca esperava aquele final. Você venceu meu amor. Você venceu. Como ele amava Rosa. Daria sua vida por ela. Sabia que seriam felizes por toda vida. Ele nunca soube por que ela não queria um segundo filho. Perguntava e respondia, melhor um. Iremos dar a ele tudo que podemos dar. Naquela madrugada fizeram amor. Como nunca fizeram antes. Sem pressa. Rosa sua mulher, Leocádio seu marido.

Leocádio pensava se teria paz para continuar seu trabalho. Sabia que agora tudo estava mudado. Cartas, telegramas de muitos grupos escoteiros de cidades do interior que nunca tinha ouvido falar, convidando-o para ir visitá-los. Claro que iria. Era seu esquema. Seu programa. Tudo tinha sido planejado antes. Mas o mais interessante foi um estafeta do governo que foi lá à noite. Levou um convite do Secretario da Educação para que Leocádio o visitasse. Antes queria sua cabeça, agora sua glória.

O chefe Jovelino deu uma parada. Um café quente na mesa. Uma fornada de biscoitos de polvilho quente. Saídos do forno há pouco tempo. Mario Montes também não se fez de rogado. Eram dez e meia da noite. O tempo passava rápido. Mario Montes queria saber tudo. Nunca uma historia o prendeu assim. Comeram rápido. Isto é, Mario Montes comeu. Não poderia ficar até de madrugada. Chefe Jovelino riu e disse – Mario tem tempo. Hoje, amanhã, depois, ainda tem muito chão para essa historia acabar. Quem sabe você até

vai desistir de ficar me ouvindo. E ria. E olhe meu amigo, não quero acabar logo. Fico muito só aqui. Quando terminar você se vai e eu?

O primeiro amor passou. O segundo amor passou.
O terceiro amor passou. Mas o coração continua.

CAPÍTULO VII

Mario Montes não estava com sono. A história do chefe Jovelino era um prato cheio para seus próximos contos. Não sabia se iria contar em etapas ou se iria publicar na internet em fascículos semanais. Agora não importava. Ligou novamente seu gravador. Esparramou-se na poltrona cinza, que já fazia parte do seu habitat na casa do chefe Jovelino. Este sempre ficava em uma cadeira do “papai” resfastelado como um rei, e de vez em quando retirando sua caixinha de rapé. Dava boas fungadas e espirrava sem parar. Tem gosto para tudo. Não seria o Mario Montes que iria dizer a ele para parar.

Leocádio resolveu ir. Afinal não podia recusar um convite de uma figura tão importante politicamente em seu Estado. Ele sabia que precisava de verba para tocar tudo. Precisavam de uma sede regional própria, pelo menos três salas. Precisava de muitas coisas. Pediu licença aquela tarde de terça feira ao seu chefe o Dr. Romualdo Pedreira. Gerente Geral de toda área do Alto forno, Aciaria, Laminação e pátio dos minérios. Ele foi gentil. Até o elogiou por tudo que estava fazendo. Nunca foi escoteiro e nem conhecia a organização, mas sabia que eles eram uma turma pensando em fazer o bem, formação de homens de caráter. Foi mais além, disse a Leocádio que quando ele precisasse, era só mandar um memorando e ele autorizava na hora.

Claro que Leocádio foi de uniforme. Não tinha automóvel. Foi de ônibus. Gostava de andar de ônibus. Ali seus pensamentos corriam à solta. Fora eles eram preenchidos com sua atividade profissional e escoteira. Ali no ônibus ele se sentia bem. Fazia planos, comentava consigo próprio o que devia ou não fazer, como agir e como programar para que o seu Estado fosse uma união que servisse de exemplo. O ônibus o deixou na Praça Raul Veloso. Dali foi a pé. Cinco quarteirões. Não era muito. Não para ele que sempre andou a pé em toda sua vida. Agora pensava em comprar uma bicicleta. Estavam aparecendo algumas lindas. Todos já falavam delas. A Phillips e a Hercules eram muito procuradas. Só bem mais tarde apareceu a Monark.

Chegou à entrada do prédio da Secretaria de educação. Mostrou o convite aos guardas que estavam ali. Um deles o levou até a um salão imenso. Outro engravatado o convidou a ir até a sala do Secretário. O deixou com sua

secretária. Ela o olhava com desdém. Tudo bem. Não podia agradar todo mundo. Ficou ali sentando por duas horas. Chegou às três horas e já eram cinco. Quando deu cinco e meia ele se levantou. Dirigiu-se a secretaria. – Dona, eu agradeço o convite, mas vejo que o secretario está ocupado. Eu também tenho muito que fazer em minha casa. Meu filho e minha esposa me esperam. Passe bem!

Já ia saindo quando ela o chamou. Desculpe senhor, o secretario vai atendê-lo agora. Ele entrou. O secretario Sr. Archimedes (não sabia o sobrenome) nem se levantou para recebê-lo. Claro ele não era tão importante assim. Mandou que se aproximasse. Segurou as pontas do dedo dele. Boa tarde Sr. Leocádio. O famoso Leocádio? E riu feito um idiota. Leocádio estava sério. Ainda em pé. Notou que o secretario tinha bebido. Sentou e ele veio com aquela conversa que Leocádio já esperava. O telefone tocou. Era o presidente do estado (na época se chamava presidente e não governador).

Sua excelência o Dr. Magno Boaventura pede que o leve a sala dele. Vamos lá! Levantou cambaleando. Não era distante. Uma passarela pequena ligava o prédio do secretario ao Palácio do Governo. Ninguém entendia nada com a presença daquele escoteiro fardado. E mais ainda, acompanhado do Secretario bebereão. A secretaria do presidente o anunciou e ele entrou logo. Desta vez o Presidente Dr. Magno levantou e foi até porta. O cumprimentou efusivamente. Era um homem imponente. Dizem que todas as figuras importantes são imponentes. O presidente do Brasil Dr. Getulio Vargas diziam que hipnotizava as pessoas em seu redor. Quem o conheceu pela primeira vez ficou impressionado.

Sua excelência foi direto ao ponto. Vamos dar uma recepção e logo em seguida um grande baile no sábado. Quero lhe entregar a medalha do Cruzeiro do Sul. Faço questão que você e sua esposa estejam presentes. - Exmo Senhor Doutor Presidente. Para mim é uma honra. Mas não tenho nenhum terno. Minha esposa é uma mulher humilde. Não podemos fazer em quatro dias o que precisamos para comparecer. Por isso agradecemos de coração. O Doutor Magno riu. Gostava da simplicidade do homem. Claro, ele queria aproveitar sua fama para se promover também. Afinal era um político e candidato ao terceiro mandato. - Não se preocupe disse. O palácio vai a sua casa, tira as medidas e sábado às quatro da tarde leva seu terno e a roupa de sua esposa. O automóvel que for levar ficará a sua disposição para comparecer a recepção.

Leocádio estava vestido com um smoking preto. Precisou de ajuda do ajudante de ordens do presidente. Nunca vestiu um e nunca tinha visto nenhum. Rosa estava linda. Ela mesma escolheu um vestido longo rosa. Os cabelos ela colocou uma Rosa branca. Rosa era especial. Uma mulher deslumbrante. Agora com aquele vestido ele tinha certeza que ela seria a mais linda da festa. Leocádio se orgulhava de sua mulher. Toda a vizinhança veio ver sua saída e de Rosa. Bateram palmas. Ambos ficaram corados. Sempre foram pessoas humildes, despretensiosas. A viagem foi rápida. Foram os primeiros a chegar. Quem os visse não os reconheceria e nem iriam saber que ali estavam dois “matutos” do interior. Claro agora seriam confundidos como pessoas da alta sociedade.

Muitos os procuraram. Muitos beijaram a mão de Rosa. Um comentário de boca em boca dizia: - Linda essa mulher. Quem é? Veio da capital do Brasil? A entrada do

presidente Dr. Magno foi triunfante. Sua esposa parecia estar com sono. Quase não cumprimentava ninguém. Ele foi direto a Leocádio. O cumprimentou efusivamente. Beijou a mão de Rosa. Disse a ela que era a mais linda da festa depois de sua esposa é claro. Um cavalheiro, claro um político. Quem não faz isso na política? Depois rodou todo o salão cumprimentando a todos. Meia hora depois foi a uma área livre, e pediu que todos o escutassem. Fez um belo discurso. Da força do seu estado. Dos homens valorosos que ali nasceram.

Pediu ao ajudante de ordem à lista dos agraciados. Mais de trinta. Chamou Leocádio em primeiro lugar. Fez questão de ele mesmo colocar a medalha no seu peito. Sua excelência não tinha experiência. Ao usar o alfinete para prende a medalha, ele penetrou na roupa de Leocádio e se alojou na ponta na sua pele. Uma dor “danada” Leocádio agüentou firme. Depois abraços. Depois outros muitos querendo cumprimentá-lo. Conseguiu puxar um pouco o alfinete. Agora sim. Estava bem. Ele tomou uns dois champanhes. Parou por ai. Queria ir embora. Rosa também. Mas chegou uma orquestra e começaram a tocar. Valsas vianenses, marchinhas, tango. E a dança do momento, o swing e o jazz.

Leocádio tirou Rosa para dançar. Parecia que estavam sozinhos no salão imenso. Ela rodopiava em seus braços. Quando ouviram os primeiros acordes de Begin the Beguine, com uma interprete brasileira que imitava perfeitamente Bessie Smith, eles adoraram. Eles se esqueceram de ir embora. Dançaram boa parte da noite. Quanto tempo! Há! Quanto tempo não dançavam assim. Ambos ainda se lembravam das “furrupas do passado” bem

diferente de hoje. Dançavam coladinhos quando o próprio Pixinguinha subiu ao palco, eles se emocionaram. E quando Chiquinha Gonzaga começou a cantar? Uma noite inesquecível. Nunca mais iriam esquecer tamanha felicidade em ter conhecido, Chiquinha Gonzaga, Francisco Alves, Pixinguinha e Silvio Caldas. Todos em carne e osso.

Chegaram a casa com o dia amanhecendo. O ajudante de ordens não os esqueceu. Rosa teve sua noite de princesa. Iria contar a todos para todo o sempre. Quando Leocádio chegou ao trabalho, sua cara de sono era enorme. Dormira meia hora. Risos. Conversou com seu chefe de equipe e foi para a sala dos mestres. Lá sentou em uma cadeira e tirou uma bela soneca. Uma hora bastava. Teve que contar a cada um como tinha sido. Uma roda se formou em sua volta na hora do almoço. Naquela semana não foi à região. Foi no sábado. Contou a Maria Angélica e ao Monfaz o que aconteceu.

Pediu a Maria Angélica que levasse um pacote até o prédio da secretaria da educação. Ficaram os três uma semana para preparar tudo. Um pedido de quatro salas germinadas em um edifício do governo. Duas professoras a disposição do escotismo, uma verba anual de duzentos mil reis para as despesas. Um transporte à disposição para quando precisasse ir ao interior, um local fora da cidade para futuramente ser um campo de escoteiros e treinamento de chefes. Tudo isso em um convenio para cinquenta anos. Esperaram a resposta por dois meses. Nada. Leocádio ficou preocupado. O próprio presidente foi quem pediu que ele fizesse isso.

Na metade do segundo mês, mandou um telegrama ao Presidente. Não sabia se ele iria ler. Era difícil falar com ele. Duas semanas e nada. Vestiu seu uniforme e em uma segunda-feira pela manhã (pediu licença aquele dia no seu trabalho) bateu a porta do palácio. O guarda o olhou zombeteiro. Tem audiência marcada? Não tenho. Só diga a secretária do presidente que ele prometeu não cumprir. Nós escoteiros acreditamos na palavra dele. Nesta hora passava um assessor do presidente. Parou e perguntou a Leocádio o que era. Explicou tudo.

Mandou-o entrar e esperar em sua sala. Quinze minutos depois pediu desculpas pelo presidente não poder atendê-lo. Mas que ele garantiria que em uma semana tudo seria providenciado. Uma semana depois Maria Angélica lhe deu a boa notícia. Duas novas funcionárias se apresentaram a ela. Uma ela colocou pela manhã a outra à tarde, e ela entraria a seis. Assim teriam durante todo o tempo uma funcionária na sede regional. Disse também que um ajudante de ordens veio para lhe mostrar as novas salas. Ficavam próximo ao palácio. Um pouco longe para Leocádio quando viesse de ônibus.

Quanto à verba, precisava que se formasse uma diretoria, que após ter os estatutos aprovados e ata registrada, então a verba seria depositada em nome da Região Escoteira daquele estado. Meio caminho andando. E também uma autorização onde poderiam requisitar a viatura quando se fizesse necessário. Uma semana mais tarde o telefone foi instalado. Leocádio riu. Sentou-se na sua cadeira de rodinhas e deu uma bela de uma gargalhada. Leocádio quase não acreditava. Menos de três anos. Conseguira tudo o que planejou. Caiu de bandeja na sua mão. Avisaram-no que no sábado alguém iria levá-lo até o parque da Piedade. Iriam

mostrar a nova área dos escoteiros. A história foi contada e recontada por muitos anos. Finalmente Leocádio encontrou o seu caminho para o sucesso.

O próprio Leocádio não acreditava que tudo iria ser assim. Claro, muita luta de todos e muitas noites e dia de trabalho árduo. Achava que depois das eleições tudo mudaria. Ligava sempre para o Escoteiro Chefe. Agora tinham uma sala com telefone. Nem sempre conseguiam fazer a ligação. Resolveu fazer sua primeira viagem ao interior do estado. Destino? Ponte de Santa Maria. Um grupo dos mais antigos no Estado. Pegou o endereço. No sábado partiu. Quatro horas de viagem. Chegou às 13 horas. Achou que iriam reunir-se as duas. Dito e feito. Chegou lá quando iam fazer o cerimonial de bandeira. O reconheceram logo. Uma festa. Brincou com todos.

Pedi uma reunião com eles depois do horário. Ficaram preocupados. Para que? Nada, afinal vim de longe para conhecê-los e porque não trocarmos idéias? Reuniram-se na sala principal do clube. Não eram muitos. Apenas uns quinze. Leocádio se levantou e se apresentou. Meu nome é Leocádio. Nomeado pelo Escoteiro Chefe do Brasil como Comissário regional neste estado. Vim aqui na condição de irmão. Preciso de vocês...

Ninguém disse nada. Um deles se levantou, virou para os outros e disse – Urra, urra, recebemos a visita de um comissário regional! Nunca isso aconteceu! Abraços novamente. Convites para ficar até domingo. Leocádio estava preparado. Já tinha avisado a Rosa que só voltaria no dia seguinte. Hospedou-se na casa do Chefe do Grupo. Foi uma viagem frutífera. Soube de mais um Grupo Escoteiro próximo.

Em Durvalina, menos de cem quilômetros. Saiu dali com uma indaba marcada para daí a trinta dias com os dois grupos.

Um fato interessante aconteceu em Três Poderes. Nunca ouviu falar do escotismo naquelas plagas. Era longe da capital. Mais de trezentos quilômetros. Foi de ônibus em uma sexta à noite. Mandou um telegrama para o prefeito. Não sabia o endereço dos escoteiros. Levou Monfaz com ele. Uma viagem difícil. Estrada ruim, esburacada. Chegou lá em pandarecos. Ao aproximar da pequena rodoviária uma multidão. Banda de música. Fanfarra. Centenas de meninos e meninas. Escoteiros e escoteiras (era proibido na época). Todos devidamente perfilados. Quando desceu (estava de uniforme e Monfaz também) um foguetório imenso. Um palanque armado. Aboletados no palanque, o prefeito, o chefe do grupo, varias autoridades da cidade.

Um ajudante de ordens o levou até lá. Uma salva de palmas imensa foi pedida pelo ajudante de ordens. O dono da claque. Leocádio ouviu discursos e discursos. Só o prefeito Dr. Avelino falou por uma hora. Só parou quando os meninos no sol começaram a cair de insolação. Parecia um leque de cartas. Leocádio não fez discurso. Só disse – Meu alerta a todos! Estou alegre em estar com vocês. Após foram todos almoçar. Um belo almoço. Mais três pratos, quatro copos, três garfos etc. Leocádio já estava aprendendo. Deu risadas.

A tarde chamou o Chefe de Grupo. Pediu para ele convocar os demais chefes e assistentes do grupo. Uma surpresa. Mais de cento e cinquenta adultos na sala. Chefe, ele disse, só os chefes. – Mas Senhor Comissário aqui todos os professores e professoras estão à disposição do escotismo. Uma lei da nossa Câmara de vereadores. Tudo bem meu

amigo, mas hoje só os que estão nas reuniões com os meninos. Ficaram quarenta ainda. Como sempre a velha rotina. Patrulhas, gritos, escolha de temas. Dois jogos para esquentar. A reunião terminou às dez da noite. O chefe do Grupo providenciou um lanche forte para todos.

Retornou deixando tudo preparado para uma Indaba em três meses. O chefe do grupo ficou responsável para convidar os grupos vizinhos. Um fato interessante aconteceu em Bela Fama. Um médico da cidade pediu se alguém poderia visitá-los. Já tinham um grupo pequeno. Mas não sabiam o que fazer. Leocádio tentou Maria Angélica. Ela não podia ir. O mesmo aconteceu com Monfaz. Ele estava cansado. O escotismo estava tomando muito o seu tempo. Agora um trabalhão com as salas novas, solicitações de doações de material de escritório, mesas, cadeiras, máquinas de escrever, não estava fácil. Claro, tinha três professoras que ajudavam, mas elas tinham que ser muito treinadas. Seu staff não cresceu. Ainda Maria Angélica, Monfaz e Josué.

Achou que era hora de aumentar o número de pessoas. Pensava inclusive em alguém para substituí-lo. Ele não poderia ficar eternamente. Tinha planos de em cinco anos fazer uma eleição para sua substituição. Mesmo com todas as dificuldades eles conseguiam levar a região, os indabas no interior, e faltava o principal. Dinheiro. Precisava ter uma diretoria logo. Não quis determinar uma. O Conselho estava próximo. Já tinha nomes de pessoas que julgou serem capazes. O Coronel Maragão, o Dr. Felinto, presidente do Grupo Escoteiro Antonio Carlos, o engenheiro Pedrosa, um lutador pelas causas escoteiras. Ainda não tinha sondado ninguém, mas achava que conseguiria convencê-los a aceitar.

Ele mesmo foi a Bela Fama. De ônibus. Não tão longe, duas horas e meia de viagem. Ninguém a esperá-lo na rodoviária. Diferente das outras que ou tinha uma comissão ou então as eternas recepções de banda de musica e fanfarra. Passava das onze da manhã. Perguntou a um carregador sobre o Dr. Paulo de Tarso. Foi até o hospital. O homem estava em plantão. Não podia atendê-lo. Não estava entendendo nada. Tinha mandado um telegrama e recebido à confirmação.

Saiu em um passeio pela cidade. Pequena. Iguais a tantas que já conhecera. Uma rua principal, comércio, uma praça e uma igreja. Foi até a igreja. Havia muito tempo que não rezava. Um padre rezava uma missa. Ele ficou ali assistindo. Terminada o pároco veio falar com ele. Conversarem por algum tempo. Foi convidado tomar um café na sacristia. O tema escotismo foi à pauta. O pároco comentou sobre o Doutor Paulo de Tarso. Um grande médico disse. Sozinho no ambulatório da cidade e quase sozinho também no hospital. Não sabia onde teria tempo para dedicar ao escotismo.

Leocádio ficou preocupado. Mas mesmo assim foi à casa do médico. Foi atendida na porta por uma loira exuberante. Um short apertado, uma blusa que mostrava tudo. Nada a dever das grandes atrizes de cinema. Convidou-o a entrar. Muito educada. Muito gentil. Ele até ficou preocupado. Ela sempre sorrindo. Serviu café, biscoitos, sentou ao seu lado na poltrona. Ele se encostou a um canto da almofada. Ela encostou-se a ele. Caramba! O que é isso? Levantou-se e foi à janela. Disse a ela que voltaria depois. Ela veio por trás. O abraçou. Começou a beijar suas costas e a acariciá-lo.

Leocádio não falou nada. Saiu como entrou. Ela estava na porta acenando. Pegou o primeiro ônibus e voltou para a capital. Contou tudo para Rosa. Ela riu. – Você não tem ciúmes? Claro que tenho disse. Mas você é um escoteiro. Eu confio em você. – Rosa, só a Rosa para falar assim. Nunca irei traí-la. Jamais. Convidou-a para passar o domingo na lagoa de Santa Cecília. Uma linda lagoa muito visitada por turistas. Levamos matutagem? Perguntou. Não. Desta vez vamos almoçar no restaurante O Remanso da Lagoa. Dizem que lá tem um bacalhau que poucos restaurantes têm.

Foi um domingo maravilhoso. Há tempos não passavam juntos, conversando, se amando platonicamente, fazendo juras de amor e Leocádio correndo na grama a brincar com Waldinho. Chegou a casa tarde. Ainda deu tempo para se amarem. Leocádio e Rosa se amavam como dois jovens amantes. Nunca em tempo algum tiveram direito de reclamar um do outro. Difícil um amor assim. Difícil duas caras metades se entenderem tão bem. Leocádio sabia que se não fosse Rosa, ele não seria o que é hoje. Devia a ela sua vida.

Uma da manhã. Mario Montes não queria ir embora. Já tinha tomado diversas xícaras de café. Mas não tinha jeito. Tinha um dever. Sempre fora bom profissional. Não ia faltar. Olhou para o chefe Jovelino e disse – Meu amigo, não dá mais para hoje. Amanhã as oito em ponto e estarei de volta. Acho que sua historia está chegando ao final. Chefe Jovelino riu. Não sei Mario, não sei. Mas olhe, estarei esperando você. Você me faz companhia. Eu preciso disso. Ando muito sozinho apesar de que Jaildes sempre foi um baluarte em minha vida. Mario Montes desceu as escadas da varanda devagar. Virou-se e perguntou, Chefe, você conheceu

o Comissário Leocádio? Mario meu caro já lhe disse. Toda historia tem começo meio e fim. Aguarde o final da historia.

Mario Montes entrou em seu carro e quase bateu em um poste. Sua mente estava voltada para a história fantástica que estava ouvindo. Uma história para ser contada e recontada. Chegou a casa, tomou um banho rápido, comeu o lanche que sua mãe tinha deixado no forno e foi dormir. Dormir? Uma boa parte da madrugada a pensar, a viver no passado, aquela aventura que um comissário regional viveu. Dormiu. Sonhou que estava em 1930. Seria um ano gostoso de se viver? Não sabia. Todos os anos são bons para se viver. Não é o ano quem faz a pessoa e sim a pessoa que faz o ano.

Sinto saudades de tudo que marcou a minha vida.

Quando vejo retratos, quando sinto cheiros,
quando escuto uma voz, quando me lembro do passado,
eu sinto saudades...

CAPÍTULO VIII

Até amanhã meus amigos. Hora de partir falou Mario Montes aos companheiros de jornada. Naquele dia o expediente se encerrou cedo. Ele sabia aonde ia. Para a casa do chefe Jovelino. Sempre pensando na história do chefe Leocádio nem notou um farol vermelho. Uma viatura policial estava ali e fez sinal para parar. Caramba! Que azar! Azar ou displicência? Explicar que era escoteiro? Explicar que estava ouvindo a mais bela história de todos os tempos? – Sempre Alerta! – Olhou espantado. Zaqueu? É você? Claro que sou eu chefe. Mas aonde vai com essa pressa toda? Zaqueu se contar a você não vai acreditar. Posso até acreditar chefe, mas vou aplicar a multa. Como você nos ensinou no passado que não devemos fugir das responsabilidades, aqui está ela!

Zaqueu, um sênior calmo e ponderado. Quando tempo. Mas ele estava certo. Sorriu azedo. Cento e oitenta reais. Bem que assim seja. Fez o sinal escoteiro para ele e foi em frente. Agora prestando mais atenção. Logo chegou à casa do chefe Jovelino. Subiu as escadas correndo. Ele estava sentado na varanda em uma cadeira de balanço de palhinha. Nem viu. – Calma meu amigo Mario Montes. Calma, nosso celebre Pitágoras já dizia que com organização e tempo, achasse o segredo de fazer tudo bem feito. E deu uma bela de uma gargalhada.

Sentou ali mesmo na varanda ao lado dele. Uma linda poltrona de balanço chamava para ficar a vontade. Chefe Jovelino comprou uma poltrona de balanço cara. Ela era regulável. Elétrica. Você é quem decidia qual a velocidade queria que ela balançasse. Ele como sempre deu duas fungadas da boa em seu rapé. Confesso que não entendia. Respirar um pó e depois ficar espirrando? Já disse. Não seria

eu quem iria falar isso para ele. Eu com vinte e seis anos, ele com mais de oitenta.

Durante todo aquele ano, Leocádio trabalhou duro viajando para o interior. Todos os sábados praticamente. Agora tinha uma idéia do que deveria fazer para desenvolver o escotismo em seu estado. Uma grande Indaba Regional foi programada para janeiro do próximo ano. Dois meses depois o Conselho Regional. Iria matar dois coelhos em uma só cajadada. Estava pensando em ir ao Conselho Nacional no Rio de Janeiro. Não tinha certeza se iria. Na sexta ao chegar à sede, soube que a Maria Angélica tinha sido internada no hospital do servidor público. Correu para lá. Ninguém o informou do estado dela. Não podia ficar lá. Pegou o ônibus, foi em casa, avisou para Rosa e voltou.

Passou a noite no hospital do Servidor Publico. Só bem de madrugada que um médico se dignou a falar com ele. Secamente, como se estivesse falando de uma paciente qualquer, explicou em linguagens técnicas que Leocádio não entendeu. Uma enfermeira mais educada, após a saída do medico explicou a ele do que se tratava. Uma grande pneumonia pulmonar. Ela estava sedada. Respirava por aparelhos, mas não na UTI. Esta é só para quem pode pagar. Leocádio ao amanhecer o dia pegou o primeiro ônibus e foi para o palácio do governo. Não tinha entrada franca, mas pediu para falar com um assessor do presidente.

O guarda já o conhecia. Avisou o Doutor Lourival. Inteirou-se do pedido de Leocádio. Ligou para o Hospital. Falou com o Diretor. – Resolvido meu amigo. Sua funcionária e nossa também. Ela está sendo transferida para UTI. O Diretor me garantiu que ela seria olhada com todo carinho.

Disse para você procurá-lo quando for ao hospital. Lourival estava espantado com o tratamento que estava recebendo. As eleições já tinham passado, mas o respeito por ele ainda existia no palácio.

Leocádio foi a um telefone público e ligou para seu trabalho. Disse que talvez ele não fosse trabalhar naquele dia. Passou todo o dia no hospital. Encontrou a mãe e o pai de Maria Angélica. Dois velhinhos muito simpáticos. Não choravam. Ele não perguntou por quê. Pensou em consolá-los, mas foram eles que consolaram Leocádio. A noite uma boa notícia. Maria Angélica tinha saído da UTI. Podia agora receber visitas. Ele foi junto com os pais dela. Não houve choros entre eles. Parecia que uma auréola brilhante estava ali naquele quarto. Leocádio não viu, mas sentia calafrios de felicidade ao ver tantos sorrisos entre os pais e Maria Angélica.

Voltou para casa naquela noite. Antes de sair receberam a visita do diretor. Explicou como estava ela e daria alta no dia seguinte. Que ficassem tranqüilos. Tinha ordens para levá-la em casa em uma ambulância. Foi uma noite de pedra. Sim de pedra. Leocádio dormiu como uma pedra. Risos. Pela manhã quando ia trabalhar e ao se despedir de Rosa, ele prometeu a si mesmo que faltas no serviço agora, só depois de dois anos. Uma promessa que não cumpriu.

Passaram-se dois meses. Estavam na véspera de natal. Leocádio queria presentear seus amigos na noite em que Jesus nasceu. (naquela época Papai Noel era um sonho distante, noites de natal bem melhor que hoje.) Comprou uma pequena lembrança. Encontrou em uma loja uma replica de broches verdes com uma flor de Liz amarela. Não era caro. Também não era barato. Era folheada a ouro. Rosa achou que

valia a pena. Não tinham ainda décimo terceiro salário, mas eles tinham uma pequena economia. Na noite de natal ele convidou a todos para passaram juntos em sua casa. Maria Angélica trouxe seus pais.

Foi uma linda noite, Dona Ana e o Senhor Jairo, pais de Maria Angélica a meia noite fizeram juntos uma oração. Nunca tinham ouvido igual. Era como se estivessem conversando com anjos. Um semblante maravilhoso no rosto dos dois. Leocádio seria capaz de jurar que tinha uma luz acima da cabeça de cada um. Monfaz não viu. Ele chegou e ficou pouco tempo. Sua família tinha preferência e mais do que certo isso. Rosa olhou para Leocádio. Ela também tinha o mesmo semblante. O mesmo sorriso, a mesma luz!

O dia da abertura da Indaba Regional chegou. Leocádio convidou o Escoteiro Chefe. Uma presença extraordinária. Mais de quatrocentos participantes. Uma alegria enorme. Apertos de mão, sorrisos em profusão. Abraços. O Escoteiro Chefe gostou disso. Sorriu para si e pensou. Deus me guiou quando escolhi esse moço. Acho que a não ser nos jamborees que participei na Europa e no Brasil é o primeiro encontro escoteiro que vejo essa fraternidade.

Ele viu Leocádio desenvolvido, brincando de chefe com mais de cinquenta patrulhas. Quando davam o grito, as irmãs na janela se assustavam. Leocádio e Monfaz conseguiram por um preço bem camarada, um convento pertencente às Irmãs Beneditinas, um local amplo. Mais de cento e cinquenta quartos, cada um com três ou quatro camas. A região escoteira entrou com toda a estrutura alimentícia. A cozinha enorme era dirigida por uma irmã enorme, mais de um metro e noventa, que quando dava um sorriso todos saiam de perto. Ele tinha o

mesmo vício que eu (quem falava é claro era o chefe Jovelino). Adorava fungar também um rapé. Seu espirro levantava mesas e cadeiras. Risos.

As discussões foram acaloradas. Uma animação incrível. A noite era preciso ser educado e pedir a todos que fossem para seus aposentos. Leocádio se preocupou com as moças e senhoras. Não deram trabalho. Ele tinha convidado Rosa para participar, mas ela disse que não. Era uma atividade de escoteiros disse. – Meu amor, você é uma escoteira, e uma das melhores. Rosa ria. Não é a mesma coisa Leocádio. Graças a Deus que não houve nada que pudesse desmerecer a lei e a promessa escoteira.

Leocádio nunca cantou a canção da despedida. Ali naquela época não existia. Mas cantaram uma que todos sabiam, de mãos dadas, ele mesmo não sabia toda a letra, uma das moças foi quem sugeriu. – “quem parte leva saudades de alguém, que fica chorando de dor”. Por isso não quero lembrar, quando partiu meu grande amor. Ai, ai, ai, ai está chegando a hora. O dia já vem raiando bem e eu tenho quer ir embora. Todos chorando, alguns soluçando. Abraços, beijos, apertos de mãos e até outra vez. Todos prometeram estar na próxima.

Foi divertido. Centenas de escoteiros partindo em caminhões lotados. Monfaz e Josué Pedreira conseguiram na Polícia Militar, na prefeitura, no exército e até em empresas de transportes. Dezesseis caminhões no total. Ali desfilavam belos Fords, Chevrolet, Dodge e Commer. Leocádio e seus amigos ficaram ali no pátio vendo todos partirem. Quando o ultimo caminhão sumiu na curva da estrada, Leocádio, Maria Angélica, Monfaz e Josué se abraçaram por muito tempo.

Algumas freiras a janela não estavam entendendo, mas imaginaram que ali tinham amigos que nunca em toda a vida iriam se separar. Amigos para sempre.

Leocádio se deu umas férias do escotismo. Precisava. Um ano sem parar nos fins de semana. Achava que boa parte do que tinha imaginado aconteceu. Pediu férias em seu trabalho. Conseguiu vinte dias. Estava no final de janeiro, início de fevereiro. As aulas escolares começavam na metade do mês. Os três foram para um balneário em Guamparanã. Foi maravilhoso. Waldinho adorava o mar. Seu pai e sua mãe também. Alugaram um chalé simples. Eles mesmos faziam suas refeições. O dia inteiro na praia. Uma vida que Leocádio pediu a Deus.

Quando voltou estava sentindo saudades de seus amigos escoteiros e também dos seus colegas de trabalho. Sempre se deu bem com todos. Para dizer a verdade nunca mandou ninguém embora. O segundo Alto Forno estava quase pronto. Bem melhor que o primeiro. O Doutor Romualdo Pedreira o chamou em sua sala – Leocádio eu preciso de você para tomar conta também do segundo alto forno. Doutor Romualdo, mas como? O primeiro me toma muito tempo. Leocádio, agora você vai administrar. Vão ter três chefes de equipes de alto forno, dois mestres e claro, funcionários dobrados. E o melhor, salário aumentado. Riu.

Faltava uma semana para o Conselho Regional, Leocádio procurou o coronel Maragão em primeiro lugar. Foi franco e direto. - Preciso do senhor para assumir uma chapa, onde vamos eleger a diretoria da região. Como o senhor sabe não tem salários – risos – Não tem boa vida só tem muito trabalho. A região nunca teve uma diretoria ativa. Essa será a

primeira. Para isso conto com o senhor. O coronel Maragão estava rindo com as palavras de Leocádio. Já tinha ouvido falar nele. Um matuto do interior que foi guindado ao mais alto cargo em sua região. – Aceito meu amigo. Trabalhar junto com você será uma honra.

O Doutor Felinto não queria aceitar. Disse que iria pensar. Leocádio falou para ele que tudo bem. Ia tomar um café na esquina e voltar para saber qual a resposta. Doutor Felinto deu uma gargalhada que há tempos não dava. Vem cá Leocádio. Com você não tem jeito. Vamos lá. Vou fazer o que? - Será o diretor financeiro. Cuidar das finanças. Leocádio contou para ele a conversa com o presidente no ano anterior. Doutor Felinto perguntou – Leocádio, você acredita mesmo nisto? O presidente nunca me falhou, portanto acredito.

O engenheiro Pedrosa estava viajando. Sua esposa disse que só voltaria em quinze dias. Não dava. Em cima da data do conselho. Onde ele está senhora? Próximo a São Leopoldo. Estão construindo uma estrada entre a cidade e a capital. A velha não serve mais. Com as ultimas chuvas caiu tantas barreiras e pontes que acharam melhor fazer uma nova. Leocádio chamou Monfaz. Umas quatro horas de viagem. Leva-me lá no seu carro? A região agüenta o combustível.

Saíram no sábado pela manhã. Voltaram lá pelas oito da noite. No bolso, a inscrição do Engenheiro Pedrosa no cargo de diretor Administrativo. Uma surpresa o esperava no Conselho. Mais duas chapas se apresentaram. Leocádio ficou preocupado. Sabia que uma delas era do Espanhol. A outra não sabia. Só no dia viu que seria formado pelo Coronel Laércio Salatiel. Seria uma boa briga. Três chapas. Leocádio ficou receoso. Não sabia se podia confiar. Mais de duzentos

chefes presentes. Na época todos votavam. Bastava estar de uniforme.

As patrulhas do ano anterior se formaram no pátio da faculdade. Uma garoa fina caia calmamente. Ninguém se preocupou com isso. Içaram a bandeira. Cantaram o hino nacional. Monfaz fez um jogo que ninguém entendeu nada. Uma bagunça gostosa e sorridente. Hora do almoço. Uma grande confraternização. Leocádio ia de mesa em mesa. Ele não concordava, mas tinha virado um político de primeira. Mesmo assim ele ainda tinha dúvidas. Se perdessem tudo bem. Fez o que podia, agora seja tudo o que Deus quiser.

À tarde discutiram as taxas que iriam ser cobradas pelos registros. Ainda não tinham sido definidas. O Espanhol pediu a palavra. Garantiu que se sua chapa ou do coronel Laércio Salatiel fosse eleita que eles não se preocupassem. A região do estado estaria isenta. Ela pagaria tudo. Não importava quantos seriam registrados. Leocádio não disse nada. Não rebateu. Tudo há seu tempo. Combinaram com o reitor da faculdade um jantar dançante. A orquestra era formada pelos amigos do Josué. Leocádio não sabia, mas ele era um excelente trompetista.

Foi um baile maravilhoso. Um conselho regional, um baile, amigos se encontrando quer melhor? Nada de ficar só sentado em cadeiras, ouvindo coisas até cochilar. Dormiram cedo. Levantaram cedo. Um jogo e hora da votação. Leocádio disse a Maria Angélica que estava cismado. Será que podia confiar? Ele tinha jurado a si próprio que não faria propaganda. Achava que todos os chefes o conheciam. Tinham-se dúvidas. Poderiam escolher os outros. Quem sabe eles poderiam dar mais do que ele deu?

O coronel Salatiel o procurou. - Leocádio, disse ele. Porque você não dá uns quinze minutos a todos que quiserem se manifestar? Afinal você não acha que isso é democrático? Leocádio riu. Meu amigo coronel, você faria isso se estivesse em meu lugar? Mas diga com sinceridade. Deixaria que eu julgasse o que você fez durante sua permanência a frente da região? O Coronel Laércio Salatiel riu e saiu dando gargalhadas. A região estaria bem com aqueles patifes. E ainda diziam ser escoteiros.

Meia hora antes Leocádio surpreendeu a todos. Convidou os diversos candidatos a Presidente para comporem a mesa. Ficaram em dúvida. Será que ele não estaria preparando alguma coisa? Mesmo assim aceitaram. Leocádio estava dirigindo tudo. O Escoteiro Chefe não pode comparecer. Uma filha doente. Pediu mil desculpas. Desejou boa sorte a Leocádio. Pediu silêncio e disse que ia dar a palavra a todos os candidatos, um representante por chapa. Cada um teria meia hora se quiserem. O Espanhol sorriu. Levantou e pediu a palavra. Fez um lindo discurso. Quase quarenta minutos. Prometeu que a região teria um escotismo europeu. Melhor que todos. Recebeu palmas normais.

O Coronel Laércio Salatiel também usou da palavra. Foi enfático nos seus dizeres. “Precisamos de homens, homens que façam desse estado uma grande nação”. E foi por aí a fora. Vinte minutos. Terminou dizendo que promessas podem ser ditas, mas não cumpridas. Ele era das forças armadas, um homem de bem. Se fosse o escolhido o escotismo seria outro. Teria certeza que o exército daria todo o apoio. O pior desceu e foi agradecer e cumprimentar a um por um dos presentes. Mais de duzentos. Ficou em dúvida se dava

prosseguimento ou se esperava. Resolveu esperar. Não tinha pressa.

Sua vez. Todos olhando para ele, falar o que? Nunca foi muito bom orador. Sabia agir e não falar. Meus amigos chefes – Começou – Eu não sei o que dizer. Nunca prometi o que não posso cumprir. Vim do nada, e sei que para o nada eu vou. Sou como vocês. Nada mais nada menos. Risos. Uma casualidade me colocou aqui. Não pretendia. Alguém confiou em mim. Acredito que vocês devem escolher o melhor, e para dizer a verdade eu não sou o melhor. Sei que a região escoteira está dando um salto gigantesco na história. Nunca isso tinha acontecido. De um conselho regional de duas horas com cinco a oito participantes, estavam ali com duzentos, e duração de três dias.

A indaba Regional reuniu mais de quatrocentos. Onde isto aconteceu no Brasil? Mas não fui eu quem fez isso. Foram vocês. E podem muito bem continuar assim não importa quem esteja na liderança. Disse que devia isso a todos que estavam ali. Ele se sentia plenamente fortalecido em tudo que planejou. Não importa disse, quem vença hoje. Não é um jogo de poder. Eu não considero isso. Que cada um cumpra seu dever. Sentou devagar. Não disse mais nada.

Tinha combinado com Maria Angélica que ela distribuísse as cédulas de votação. Já tinham escolhidos quatro chefes e duas moças para a comissão apuradora. Mas o impossível aconteceu. Todos de pé, aplaudindo. Não precisa de votação. Por unanimidade você é nosso comissário, confiamos em sua escolha, vocês são nossos novos diretores. Leocádio levantou novamente. Amigos, disse. Não é certo.

Dissemos que haveria uma eleição. Mudar a regra do jogo agora não é leal, e vocês sabem nos somos leais, afinal somos escoteiros.

A eleição foi realizada. O resultado já esperado. Cento e noventa e quatro votos para a diretoria de Leocádio, e os seis votos distribuídos pelos outros. Eles não esperam o resultado da eleição. Saíram antes. Leocádio lembrou-se de um ditado, quem não serve para servir não serve para viver. Leocádio viu em um jornal que um grande homem estava em evidência na Índia. Achava que poderiam conseguir a liberdade pelas idéias, pelas palavras. Ficou muito tempo preso. Leu que ele dizia mais ou menos assim – A dignidade pessoal e a honra não podem ser protegidas por outros. Devem ser zeladas pelo indivíduo em particular.

A posse foi uma explosão de palmas. O Coronel Maragão, o doutor Felinto e o Engenheiro Pedrosa estavam orgulhosos. Conheciam bem o sistema presidencialista. Nunca eles tinham visto uma democracia tão autêntica como aquela que ali se apresentou. Sem prometer falaram pouco. Todos os presentes e os demais que não estavam presentes não iriam se decepcionar. Eles fariam tudo para que a região fosse o exemplo para o Brasil. Eles não se consideravam os melhores, mas fariam tudo que pudessem em qualquer ocasião. O novo presidente Coronel Maragão disse - Não sou melhor nem pior que ninguém, eu tenho defeitos e qualidades como qualquer ser humano, afinal, eu sou um ser humano, mas prometo pela minha honra que nunca se arrependem de ter confiado em mim.

Quarta feira, meia noite. Mario Montes olhou para o chefe Jovelino. Ele sorriu. Acho melhor parar. Para dizer a

verdade mais algumas horas e vou terminar. E saiba, sentirei saudades de você. Você não sabe como foi boa a sua companhia. Estava realmente muito só. Poucas visitas. Poucos dispostos a ouvir esse "Velho" escoteiro. Mario Montes o olhou e disse – Olhe chefe, não vou esquecer nunca. Saiba que enquanto estiver na cidade, pelo menos duas vezes ao mês venho passar um domingo como senhor. Chefe Jovelino riu. Venha, prometo que terei outras histórias para contar.

Mario desceu as escadas devagar, chefe Jovelino estava em pé, na varanda se despedindo. Chefe Jovelino, diga-me, já me negou tanto! O Senhor Conheceu o Comissário Leocádio? Risos, de novo Mario Montes? Já disse. Quer que lhe conte o final eu conto. Assim encerramos nossa missão. Nada disso chefe, nada disso. Até amanhã. Pode apostar que às oito horas em ponto estarei aqui. Pegou seu automóvel e sumiu na esquina de uma noite sem luar, mas com belas estrelas no céu.

Sinto saudades do presente, que não aproveitei de todo,
lembrando-se do passado e apostando no futuro...

CAPITULO IX

Que azar, não deu para Mario Montes ir à casa do Chefe Jovelino na semana. Um imprevisto com sua mãe e visitas. Sua tia, seu marido e os dois filhos vieram de longe para visitá-los. Ficaram hospedados por cinco dias. Mas no terceiro Mario Montes pediu licença e partiu correndo para a casa do chefe Jovelino. Era sábado. Estava escurecendo. Não ia sair de lá enquanto a história não acabasse. A não ser que pela madrugada o chefe Jovelino o expulsasse. Pegou seu palio e em menos de dez minutos chegou. Desta vez sem correr e prestando atenção nos sinais.

A casa estava às escuras. Mario Montes pensou que o chefe poderia estar fora. Devia tê-lo avisado, um simples telefonema. Afinal não sabia por que se esqueceu disso. Achou que o Chefe Jovelino estava a sua disposição. Riu de seu pensamento. Sabia que não pensava assim. Ficou ali parado sem saber o que fazer. Dar meia volta? Uma batida na janela. Era o Chefe Jovelino. Vamos entrar meu amigo, apenas uma falta de luz momentânea. Já está voltando e não precisamos de luz, precisamos?

Mario Montes olhou para o céu. Uma lua enorme. Rechonchuda, bonita que nem um queijo do seu estado. Claro, chefe, claro. Desceu do carro e subiu às escadas, satisfeito consigo mesmo. Na varanda, na mesma cadeira de balanço de palhinha sentou o chefe Jovelino, na poltrona elétrica que ele gostava se instalou gostosamente. Mas sem eletricidade ele só sentou. Lá estava também Jaildes escondida em uma cadeira em um canto. Cumprimentou Mario Montes. Pela primeira vez ele pensou que a irmã do chefe Jovelino era estranha. Ela era morena escura, cabelos crespos. Diferente do que deveria ter sido o chefe Jovelino na infância, loiro é claro.

Sempre calada, dificilmente ela dava um alô ou um como vai você. E sempre muito baixo. Tinha o dom de se passar despercebida. Chefe Jovelino riu. Será? Mario Montes achou que ele tinha lido seu pensamento. Bem uma impressão minha. Ela também olhando e vendo o que o Mario Montes dizia baixinho, disse – O senhor me desculpe. Logo que a luz voltar, farei um gostoso cafezinho para nós. E desta vez tomaremos os três junto. Deu uma risadinha. Mario Montes ficou deveras cismado. Bem meu caro amigo, vamos continuar? Disse o chefe Jovelino. Claro, claro.

Foi uma semana difícil para Leocádio. A inauguração do segundo alto forno o deixou esgotado. Uma grande festa. Autoridades de todo o país. O próprio presidente Getulio Vargas estava presente. Era função de Leocádio fazer a primeira corrida de ferro gusa no dia. Todos esperavam que a primeira corrida fosse um sucesso. Os funcionários abriram primeiro a saída da escória. Essa sempre em primeiro lugar. Difícil aproveitamento. Hoje em dia não. É muito aproveitada. Depois fizeram outra abertura e o ferro gusa correu lindo pelas canaletas de areia até a uma grande panela sobre trilhos de onde seriam transportadas para a Aciaria.

Um foguetório imenso. Abraços. O presidente Getulio fez um discurso. Ele era eloqüente. Sabia como conquistar as massas. A multidão aplaudia freneticamente. Dalí ele e demais convidados Vips foram para uma grande sala no Departamento de Alto forno. Para caber todos, abriram paredes em dois andares ficando dois amplos salões. Serviram canapés, champanhes, e um legitimo Bourbon, que diziam ter vindo diretamente do Kentucky, escolhido para o presidente Getulio Vargas, um apreciador da bebida.

O presidente não ficou muito tempo. Desceu ao andar de baixo onde estava Leocádio. Fez questão de cumprimentar a cada um. Ele era assim. Diziam que sempre foi um populista e que conquistava as massas com facilidade. Leocádio acreditou mesmo. Ao vê-lo discursar e a sua saída apoteótica, comprovou sem sombras de dúvida o que diziam dele. E mais ainda, quando pegou na sua mão, olhou dentro dos seus olhos e disse – Você é o escoteiro famoso – rapaz ouvi muito falar de você. Parabéns! E agora ele perguntava, podem dizer quem aguenta receber tal elogio do Presidente da Republica e ficar indiferente? Leocádio chorou ali, lagrimas brotaram dos seus olhos.

Quando Leocádio contou para Rosa, ela também chorou com ele e o abraçou. Ficaram assim por tempos na sala sob o olhar perplexo de Waldinho. Eles o trouxeram ao colo. Agora eram três abraçados. Resolveram dar uma volta. Pegaram o ônibus e foram até o centro da cidade. Dali um filme. Sete da noite, o porteiro deixou Waldinho entrar. Estava passando No Tempo das Diligências. Um filme de John Ford. Com um grande número de astros do momento – John Wayne, Claire Trevor, Andy Devine, George Bancroft, John Carradine e muitos outros. Waldinho dormiu, mas Leocádio e Rosa não tiraram os olhos da tela.

Com a inauguração do alto forno dois, Leocádio teve um substancial aumento de salário. Já pensava em comprar um carrinho. Ele precisava guardar um pouco. Na cozinha a geladeira nova. Rosa não cabia em si de contente. Sua casa estava pronta. Algumas poucas coisas a fazer aqui e ali. Já tinha sua bicicleta Philips. Ia e voltava do serviço com ela. Tinha pneu balão, faixa branca. Linda. Todos olhavam

quando ele estacionava no bicicletário da usina recém inaugurado. Uma época onde o respeito pelo bem alheio era questão de honra. As janelas das casas tinham “tramelas” tão simples que um simples bater com mais força se abriam. Mas ninguém invadia.

Ainda se mantinha o respeito, onde beijar a mão dos mais velhos era ponto de honra. Onde olhar nos olhos dos pais e avós não era permitido. Onde um simples olhar valia mais que qualquer chamada de atenção. Uma época que não volta mais. Waldinho nasceu neste meio simpático. Leocádio não era um pai severo, nada disso. Sempre o abraçou, sempre o levou a passear, e até onde sabia sentava com ele todas as noites na varanda para repassar suas lições escolares.

Leocádio sempre pensou que poderia voltar a estudar. Pensou. Sabia que não seria possível agora, no entanto quando passasse o bastão para outro na região ele já tinha planos. Ia se Deus quiser formar em Técnico Siderúrgico. Uma escola técnica estava sendo feita próximo ao bairro onde morava. Ele e Rosa ficavam horas e horas de mãos dadas na varanda. Rosa tinha um jardim florido de violetas e alguns jasmims e muitas rosas de varias cores. Vermelhas, brancas lindas. Não tanto como ela, Leocádio olhava sua mulher e mais e mais ficava apaixonado. Costumavam-se ficar até abraçados, como dois namorados fazendo planos de um futuro cheio de amor e felicidade eterna.

Aproximava-se a data do Conselho Nacional. O Escoteiro Chefe o doutor Mauro Ornelas insistia que ele fosse. Leocádio, ele disse – Nossa diretoria instituiu uma condecoração do mais alto valor para escoteiros que se sobressaírem no escotismo nacional. Ela tem o Nome de

Tapir de Prata. Vamos nesse conselho entregar a três personalidades escoteiras. Você será um deles. Preciso que venha. Quero que sirva de exemplo a todos os que labutam no escotismo nacional. Ofereceu para pagar sua passagem de avião. Poderia voar a noite e voltar no domingo.

Leocádio conversou com Rosa. Ela o aconselhou a ir. Não iria sozinho. Só se ela fosse com ele. Afinal poderiam aproveitar um dia para conhecer o Rio de Janeiro. Rosa sorriu com a idéia. Mas havia muitos prós e contras. Quando ao Waldinho tudo bem. Ela podia pedir ajuda a sua mãe. Mas precisavam de pelo menos mais dois dias. Será que ele conseguiria uns dias de licença?

Não foi difícil. Leocádio conversou com o doutor Romualdo Pedreira. Seu chefe e seu amigo. Claro meu jovem. Viaje tranquilo. Leocádio e Rosa se prepararam. Comprou as passagens de ida e de volta com um mês de antecedência. Mandou fazer um uniforme novo. Um tecido leve, chamado de gabardine estava aparecendo e Leocádio encontrou um perfeito da cor caqui. Rosa fez três vestidos lindos. Comprou até roupa de baixo toda nova. Leocádio fez dois ternos. Um branco e um azul. Foi Rosa quem escolheu as gravatas. Comprou um par de sapatos Oxford preto, da marca Cospirato. Outro marrom, tipo Mocassim de Constança Basto. Um luxo por assim dizer. Se fosse hoje, custaria uma nota!

Dona Lourdes chegou ao domingo, quase uma semana antes da viagem. Estava alegre, satisfeita por eles irem conhecer a cidade maravilhosa. Ela sempre desejou ir. Quem sabe um dia? Disse. Leocádio trabalhou com afinco toda a semana. Preparou bem seu assistente, o Lauriano dos Santos. Na região comentou com seus amigos. Perguntou se algum

deles gostaria de ir. Se sim ele iria tirar da caixa onde tinham uma pequena reserva financeira. Ninguém. Todos tinham compromissos. Leocádio sabia que não era verdade. Primeiro não queria gastar da região, daria o que falar segundo seria uma chatice. Não conheciam ninguém lá.

Ouve um contratempo. Em um acampamento na cidade de Sacramento um escoteiro tinha sofrido um serio acidente com um raio. Estava mal. Diziam que não iria escapar. O que fazer? Monfaz se ofereceu para ir até a cidade. Leocádio concordou. A região iria arcar com o combustível. O carrinho de Monfaz, um Ford 29 já estava ficando "Velho". Ele queria trocar, mas seu pai dizia que só quando se formasse. Mas o danado do "carrinho" era uma mão na roda. Quantas vezes Leocádio e ele rodaram por aquele estado.

Na sexta Leocádio e Rosa se prepararam cedo. Ele não foi de uniforme, colocou seu terno azul e uma gravata que diziam ter sido importada da Itália. Leocádio ria. Logo eu. Usar isso? Rosa também ria. Um sorriso de mulher perfeita. Estava mesmo linda. Um vestido azul comprido, sempre a flor no cabelo. Colocou o colar de madre pérola que sua mãe lhe dera. Linda. Leocádio se achava um homem de sorte. Quase doze anos de casado e Rosa era a mesma. Um frescor da primavera, uma brisa que tocava suave em seu rosto.

Claro que Monfaz o levou ao aeroporto da Tapulha. Um luxo. Quem viajava de avião naquela época era tratado como um rei. Maria Angélica, Monfaz e Josué foram ao aeroporto. Ficaram lá até quando Leocádio e Rosa foram chamados para o vôo 115 no Constellation da Panair do Brasil. Não havia fila. Todos cavalheiros. As mulheres preferência

sempre. Todos dizendo – Por favor! Rosa estava encantada. Leocádio com seu jeito de homem do interior desconfiado.

Foram até o pátio de manobras. O belo Constellation de quatro motores estava todo imponente na pista numero quatro. Leocádio não sabia por que numerar as pistas. A Panair tinha somente seis aeronaves. Agora tinham feito uma sociedade com a Pan American world Airways. Conhecida mundialmente. A maior empresa aérea do mundo. Diziam que se um dia alguém fosse à lua, seria através da Pan American.

Sentaram na poltrona 48 e 49. Bem juntinhos. Rosa na janela. Olhava a movimentação dos sinaleiros e funcionários. Leocádio nunca disse a ela. Mas tinha medo de viajar de avião. Um medo enorme. Fez-se de corajoso, mas sua mente tentava controlar o corpo que tremia. Rosa o olhou e disse – Seu bobo, todos dizem que é mais seguro andar de avião que em um cavalo manga larga. Leocádio riu. Um sorriso nervoso. Prefiro ainda dez cavalos manga larga que esse pássaro de ferro!

A aeronave taxiou na pista. Leocádio abraçou Rosa. Ela rindo o abraçou. O pássaro enorme levantou vôo. Leocádio sorriu e disse, será que chegamos? Rosa o olhou com amor. Ainda não meu marido. As aeromoças começaram a colocar macios travesseiros para cada passageiro. Outras serviam todo tipo de bebidas e canapés. O Jantar será serviço em quinze minutos disseram. O serviço de bordo da Panair era igual aos melhores do mundo. Leocádio fechou os olhos. Um sonho. Nunca pensou em chegar lá. Rosa estava encantada. Vivia seu conto de fadas. Abraçou com força Leocádio. Ali, a mais de 10.000 pés de altura se beijaram. Muitos dos passageiros notaram. Não sabiam que eram dois grandes amantes de

muitas vidas passadas e que iriam se encontrar por muitas outras que virão.

Chefe Jacinto deu um suspiro. Olhe Mario Montes, Rui Barbosa, o Águia de Haia uma vez escreveu - Onde está a felicidade? No amor, ou na indiferença? Na obediência, ou no poder? No orgulho, ou na humildade? Na investigação, ou na fé? Na celebridade, ou no esquecimento? Na nudez, ou na prosperidade? Na ambição, ou no sacrifício? A meu ver, a felicidade está na doçura do bem, distribuído sem idéia de remuneração. Ou por outra, sob uma fórmula mais precisa, a nossa felicidade consiste no sentimento da felicidade alheia, generosamente criada por um ato nosso.

Os destroços só foram encontrados uma semana depois. Local de difícil acesso. Na serra da Mantiqueira quase divisa com o Rio de Janeiro. Uma comoção enorme no país. Morreram mais de noventa passageiros e onze tripulantes. Cinco deputados, oito senadores, dois vices presidentes, diversos dirigentes de empresas, quatro secretários de estado e dois ministros de Getulio Vargas. Claro, morreram também Leocádio e Rosa. Mas esses não eram tão importantes para a imprensa. Para o mundo escoteiro daquele estado sim. A população escoteira chorou por vários dias.

Monfaz, o Coronel Maragão, o Doutor Felinto e o Engenheiro Pedrosa conseguiram transferir os restos mortais de Leocádio e Rosa até a Capital do Estado. O Presidente do Estado nem se lembrou de mandar um representante quando das exéquias no Cemitério da Saudade. Ninguém acreditava, mas caminhões, ônibus, automóveis e cinco voos fretados lotados vindos de varias partes do Brasil, chegaram à capital naquela tarde. A imprensa disse que eram mais de cinco mil.

A policia militar dizia que eram quatro mil. Não importava. Todos foram ali para prestar as suas ultima homenagem a um dos maiores escoteiros do Brasil.

Um chefe escoteiro nunca conhecido, até o dia que seu avião caiu de uma maneira invulgar. Leocádio eu acredito morreu feliz. Deve ter abraçado a Rosa na hora da queda. Ela seu anjo deve ter lhe dito que era a apenas uma passagem. Acho eu que ela sabia o que iria acontecer. Os motivos do acontecido só à espiritualidade podia explicar. Somos o que merecemos ser. A vida é uma grande viagem e nesta teremos muitos vôos, muitos trens, muitos ônibus para nos transportar. Um dia, quando formos nesta passagem, iremos encontrá-los e então iremos conhecer um passado de mil séculos, e que outros tantos mil irão passar. Almas assim não se abandonam.

O Escoteiro Chefe com os olhos marejados de lágrimas colocou uma bandeira do Brasil em cima do seu ataúde e no meio a medalha que deveria ter recebido. Ficou conhecida por todo o tempo até hoje como o TAPIR DE PRATA. Ele fez jus até na morte. Rosa foi enterrada ao seu lado. Recebeu também todas as honras que Leocádio recebeu. Um escoteiro desconhecido subiu em uma árvore e com um clarim tocou o toque do silêncio mais triste que todos tinham ouvido. Um minuto de silêncio, cabeças abaixadas. Quem ali por perto não soubesse diria que nunca em tempo algum viram algum parecido.

Uma palma aqui, outra ali e uma explosão de palmas explodiu em toda necrópole. As lagrimas começaram a cair em profusão. Nunca houve e acredito que nunca haverá um sepultamento como aquele. Para dizer a verdade quase todos ficaram por muito tempo ali junto ao jazigo, contando

histórias de Leocádio, como o conheceram e alguns sorriam dizendo – Eu tive a honra de apertar a mão dele. Alguém que ninguém viu, escreveu em sua lápide o seguinte - “Aqui jaz, Leocádio, o iletrado, o homem da roça, mas um forte, um homem de honra. Aquele que será reconhecido como o maior "Chefe" Escoteiro quer o Brasil já teve”.

Por muitos anos Leocádio e Rosa foram lembrados. Não houve panteão de heróis. Mas as cinzas do tempo nos levam a um futuro onde só existem esquecidos. Outros substituem os heróis que se foram. Para dizer a verdade, não acompanhei a evolução de tudo. Soube por amigos que outros assumiram. Monfaz, Maria Angélica e Josué sumiram na multidão do esquecimento. A época de ouro terminava. Agora nada mais importava. Que os mortos enterrem seus mortos, não é assim que Jesus disse?

Chefe Jovelino se calou. Um silêncio sepulcral. O vento que soprava para sudeste parou. A luz voltou. Mario Montes não sabia o que dizer. Até Jaildes tinha os olhos marejados de lágrimas. Parecia que ela tinha vivido a história. Mario Montes olhou para o chefe Jovelino. Mais nada? Perguntou. Mais nada ele respondeu. Duas da manhã de domingo. Uma chuva fina começou a cair e molhar o asfalto. Não aumentou. O vento parado. Mario Montes lembrou-se de quando era escoteiro – Se tens vento e depois água, deixe andar que não faz magoa – mas se tens água e depois vento, põem-te em guarda, e toma tento!

Desceu as escadas, abriu o portão e ia correr até ao carro. Parou. Chefe Jovelino o Senhor conheceu Leocádio? Ele riu. Falou baixinho, bem baixinho. Olhando para Mario Montes ele disse - Quando jovem achavam que eu parecia muito com

uma figura que publicava charges no jornal do estado. O tal chargista era chamado de Jovelino troca letras. Parecido com um desenho da Disney. Apelidaram-me e o apelido pegou. Até hoje sou conhecido como Chefe Jovelino. Meu nome? Waldinho Ventura. Filho de Leocádio. O pai que sempre amei e nunca esqueci. E terminou dizendo – Jaildes é minha irmã de criação. Minha avó Lourdes Negromonte hoje falecida a criou.

Mario Montes ficou ali estático. Não sabia o que dizer voltar e abraçar Jovelino? Ou melhor, Waldinho? Ele era prova viva da história. Não fez isso. Iria voltar outro dia. Mario Montes acreditava que se ele já era seu amigo agora muito mais. Aprendeu a admirar o Chefe Jovelino. Achou-se privilegiado em conhecer o filho de um grande homem, de uma grande mulher. Um Comissário Regional que mostrou o que pode fazer. Alguém que acreditava no escotismo e nas pessoas. Que foi até lá. Que cumprimentou a todos pessoalmente.

Não haveria mais noites, longas horas de narração. Ou será que haveria? Quem sabe o chefe Jovelino tinha outras lindas para contar? Ou então o Senhor Waldinho se lembraria de outras passagens de seu pai? Mario Montes ia voltar. Ele tinha certeza absoluta que suas visitas não iriam parar por ali. Faltou ver alguma foto deles. De Leocádio e de Rosa. Parece que a chuva estava aumentando. Hora de partir. Um último olhar ao chefe Jovelino e a Jaildes. Correu até o carro. Chegou molhado. Sentou ligou e viu que a chuva aumentava. Que fez a quadrinha de previsão do tempo sabia o que estava fazendo. Até breve meus amigos, eu voltarei!

Talvez não exprima corretamente a imensa falta
que sentimos de coisas ou pessoas queridas.

CAPÍTULO FINAL

Leocádio nunca existiu. Se Rosa existe-se seria uma grande mulher. Grande? Claro, no coração e na beleza exterior. Ambos viveram na imaginação de um escritor de uma história que poderia ter acontecido, mas não aconteceu. A história que não houve. Os amigos que ficaram ao lado do Leocádio ainda existem em muitas mentes de grandes escotistas que habitam em muitas plagas de nosso Brasil. Acredito que deve haver muitos Leocádios por aí. Uma profusão de Rosas. São aqueles anônimos que ninguém conhece. Os que acreditam na sua tarefa que foram determinadas e escolhidas por eles durante sua vinda a terra.

Na década de trinta inicio dos anos quarenta, o escotismo estava engatinhando em vários estados. Uns mais outros menos. Cada um com sua federação, sua associação. Os Escoteiros do Mar eram uma potência a parte. As tentativas de união em torno de uma só organização não foram fáceis. Varias reuniões aconteceram. Quando a União dos Escoteiros do Brasil foi criada, ainda tinha muitos remanescentes que não concordaram. Continuaram isolados. Dizem que até hoje ainda tem um ali outro lá.

Muitos contam a sua maneira a história escoteira no Brasil. Um dia alguém irá pesquisar estado por estado, a verdade verdadeira. Onde estarão os verdadeiros Leocádios que de norte a sul fizeram um escotismo? Eles existiram e vão aparecer. Não foi preciso começar de novo. Desde 1910 até hoje. Se pudéssemos voltar no tempo, como seria interessante conhecer o Primeiro Tenente da Marinha de Guerra Eduardo Henrique Weaver, que teve a oportunidade de presenciar o nascimento escoteiro inglês e que junto ao Suboficial Amélio Azevedo Marques organizaram o escotismo no Brasil. Amélio é considerado o primeiro escoteiro brasileiro.

A história conta que eles trouxeram em sua bagagem, vários uniformes escoteiros ingleses gastando do próprio bolso. No dia 14 de junho de 1910, na casa número 13 do Chinchorro no Catumbi, Rio de Janeiro reuniram-se pela primeira vez. Assim nasceu o Centro de Boys Scouts do Brasil. Enviada uma correspondência à imprensa ela dizia mais ou menos assim:

"À imprensa desta capital, brilhante e poderoso fator de progresso, campeã de todas as idéias nobres, vem o *Centro de Boys Scouts do Brasil*, solicitar o auxílio de sua boa vontade, o esteio de que necessita para que em todos os lares brasileiros penetre o conhecimento do quanto à Pátria pode ser útil à instrução dos *Boys Scouts*".

Nota – Os versos aqui colocados são de autoria de:

- Clarice Lispector
- Fernando Pessoa
- Carlos Drummond de Andrade

O sonho

Sonhe com aquilo que você quer ser,
porque você possui apenas uma vida
e nela só se tem uma chance
de fazer aquilo que quer.

Tenha felicidade bastante para fazê-la doce.
Dificuldades para fazê-la forte.
Tristeza para fazê-la humana.
E esperança suficiente para fazê-la feliz.

As pessoas mais felizes não tem as melhores coisas.
Elas sabem fazer o melhor das oportunidades
que aparecem em seus caminhos.

A felicidade aparece para aqueles que choram.
Para aqueles que se machucam
Para aqueles que buscam e tentam sempre.
E para aqueles que reconhecem
a importância das pessoas que passaram por suas vidas.

Clarice Lispector

FIM

O autor e sua obra



Meu segundo livro. Estou pensando se escrevo o terceiro. Não sei. O primeiro “A Patrulha da Esperança” publicado no início deste ano foi à primeira experiência nesta seara. Nunca escrevi um livro, se podemos chamar tão poucas folhas de livro.

Escrevi e escrevo contos escoteiros e contos romanceados, aventureiros em outra linha. Nenhum dos meus escritos foi publicado a não ser em blogs que mantenho na internet.

Escoteiro desde 1947 fui lobinho, Escoteiro, Sênior, Pioneiro e Escotista de vários Grupos Escoteiros, tive a oportunidade de vivenciar o escotismo simples quase parecido como faziam os rapazes da Inglaterra antes de Baden Powell (BP) surgir com a organização que se expandiu por todo o mundo.

Atuei por muitos anos como dirigente de uma Região Escoteira, e como membro da Equipe de Adestramento Nacional.

“O Comissário Leocádio” é um retrato fictício dos primórdios escoteiros no Brasil, onde um “matuto” foi escolhido como dirigente, passando maus pedaços até se firmar como um grande Escotista e dirigente, admirado por muitos.

Todos os livros e contos não foram editados. A saga de um pseudo-escritor no início não é fácil. Não é importante

esta etapa, importante é o conhecimento em saber que centenas de amigos do movimento ou mesmo fora dele tomaram conhecimento dos meus escritos.

A todos voces, o meu **MUITO OBRIGADO!**

Oswaldo Ferraz, ou melhor, Oswaldo um Escoteiro!

São Paulo, março de 2012.

E-mail. Elioso@terra.com.br

No face book podem me encontrar com o link – Oswaldo um Escoteiro